FON FON
ANNO XXIII — N.º 35
Rio, 31 de Agosto de 1929
Preço: 1$000

O conto brasileiro

A festa de Lili

O "chauffeur" da familia Sampaio da Cruz caminhava ao longo da praia de Copacabana, detendo-se de quando em quando á porta de um palacete. A mão callosa apertava o botão da campainha e, á vinda da criada, tirava respeitosamente o chapéo, entregando-lhe um envelope roseo.

E lá se ia, rumo a outras casas, repetindo sempre o recado:

— Da parte de *mademoiselle* Sampaio da Cruz.

E assim esgotou o enorme maço de missivas que levava.

Era um cartão commum, onde em letras banaes, pompeava a ufania destes dizeres:

Lili Sampaio convida para um chá-dançante em sua residencia, á Avenida Portugal, 000, no dia 8 de Janeiro, ás 16 horas. Traje: maillot.

Dizeres que maravilhavam as cabecinhas louras ou negras das amiguinhas de Lili, ao lerem o convite.

No mesmo dia, as melhores costureiras do Rio, entre muchochos de incredulidade e sorrisos de ironia, receberam encommendas diabolicas, dignas talvez das bacchanaes dos tempos dionysiacos...

Dias luminosos succederam-se. E, dominando a ciranda das horas, a tarde de 8 de janeiro, linda, tropical, rebrilhou nas pedreiras da Urca.

Lili, enthusiasmada e contente, esperava deante do espelho, o primeiro convidado.

Tres sons de busina americana cantaram ao longe. Lili mal teve tempo de collocar a capa de setim ao hombro. Desceu as escadarias, correndo, e achou-se no parque, junto ao automovel verde de seu noivo.

— Luiz! Ah...

Luiz, contrariado, a physionomia alterada, descia do carro vestido de jaquetão escuro e calças de flanella branca.

— Que significa isto? — disse Lili, desapontada.

— Significa que não me presto ao ridiculo de comparecer a uma festa de *maillot*.

— Está bem; foste o unico a censurar a minha idéa. Então, para que vieste?

— Queres que me retire?

— Faze o que entenderes. Vou receber meus amigos. Adeus!

Luiz viu-a afastar-se; achou-a soberba, a capa já meio despida, os braços jaspeados á mostra.

— Meu dever é ficar; não devo deixal-a só. Ainda si seus paes estivessem presentes...

Preoccupado, o rapaz enveredou pelo caminho bucolico dos aquarios.

* * *

A festa começára empolgante. Os salões, decorados com originalidade e arte, apresentavam o aspecto das modernas praias de banho.

Barraquinhas de muitas côres, balões e lanternas, peixes gigantescos e cabines onde se lia a *buena dicha*. A alegria culminava. E o esplendoroso desfilar dos *maillots*.

A mulher brasileira triumphava no scenario cinza do crepusculo nascente; adornada de amostras de vestes que mal lhe cobriam o corpo, mimos de crêpes labyrinthicos, pedaços de seda, tecidos em ouro, formando monstros fabulosos do fundo dos mares, em missangas e fitas, plumas e arminhos...

Os rapazes, todos de negro, num tacito accordo de "smoking" estylizado.

Dançavam. O "jazz" allucinava, o "champagne" entontecia.

Pernas escandalosamente núas.

Collos esplendorosamente impudicos.

Flirt.

Loucura.

Mocidade.

Lili vencêra mais uma vez. (Era o que lhe dizia, ao ouvido, Jorge, o favorito do momento).

— Magnifica, a tua festa! Ella ficará para sempre gravada na historia do progresso carioca...

— Bondade sua...

A orchestra tocava um tango.

— Não fales nisso, agora, Lili. Sinto até desejos horriveis de ser máo... Sabes que teu *maillot* é um paraiso e tua bocca a maçã prohibida de meus sonhos?

— Cala-te, Jorge! Luiz é teu amigo...

— Que me importa a amizade num instante como este? Mais

O COMMENTARIO

O governo de S. Paulo volta presentemente sua attenção para a importante questão da pesca fluvial. Essa é uma das riquezas do grande Estado que poderá ser convenientemente explorada com real proveito para a sua população. E oxalá sigam o exemplo dado os outros governos da União.

O dr. Rodolfo von Ihering, technico do assumpto e que minuciosamente o estuda, auxiliando poderosamente a a administração paulista, calcula que somente no municipio de Piracicaba a pesca fluvial orça por anno em cerca de seiscentos e cincoenta contos de réis. Declarou elle numa curiosa conferencia feita no Rotary Club *o seguinte: "Como Piracicaba, ha no Estado dezenas de localidades capazes de render outro tanto ou mais, podendo, assim, o peixe de agua dôce, em exploração intensiva, ainda que perfeitamente racional e biologica, render dez mil contos annuaes."*

Veja-se como ignoramos no Brasil a maioria de nossas riquezas.

Em materia de pesca fluvial, o governo paulista procura resolver dois problemas essenciaes: o transporte adequado e a assistencia biologica que fiscalize a pesca, favorecendo a multiplicação das especies e impedindo o seu exterminio.

"champagne", Lili...

Duas taças.

Uma que se parte.

Uma garrafa para duas boccas.

Embriaguez...

* * *

DE musica, só reminiscencia....

Os negros xingavam blasphemias sonoras, crucificando a arte no madeiro dos instrumentos desafinados.

Era noite e fazia luar.

— Vamos terminar a festa com um banho no lago?

— Vamos!!!

Na sala ficou apenas a soledade somnolenta dos abat-jour...

* * *

LUIZ, sentado num banco de pedra, viu aproximar-se o estranho cortejo.

A' frente, Lili abraçada a Jorge. Depois, seus melhores amigos cantando cantigas desconnexas, tontos, lamentavelmente tontos! Em que triste estado aquellas moças, cujas mães, si as vissem assim, chorariam de vergonha!...

Elle bem adivinhára: tal festa não podia acabar de outra maneira!

— Roberto! Roberto! E' a tua vez!

Luiz ouviu o baque de um corpo sobre as aguas.

— Vera! Tu!

Depois, outros, ás gargalhadas, espalhando agua, martyrizando peixinhos vermelhos.

— Meu Deus! Lili!...

Luiz precipitou-se. Lili falseára o pé e cahira sobre as pedras.

E nada mais viu.

* * *

SÓ uma semana depois, Lili foi considerada fóra de perigo. Seus paes, chamados com urgencia ao Rio, viram-na perto da agonia.

Luiz vinha visital-a todos os dias. Desesperava com as noticias más e exultava com as bôas. Naquella tarde viera mais cedo; não conseguira dar attenção ao trabalho.

Sentado no "hall", esperava que o medico se retirasse, recordando detalhes dolorosos do incidente quasi mortal que sacrificára Lili. Lembrava-se de quando a retirára do bôjo do lago turvo de sangue. Lembrava-se haver dito áquelles loucos que se retirassem quanto antes, senão os obrigaria a sahir a chicote. Vira-os tomar as baratinhas, encharcados, sem comprehender bem o que se passava.

— Corja de bebados! — gritara-lhes, indignado.

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

Pobre Lilizinha! Si ella adivinhasse que a sua fantasia traria semelhante resultado...

E elle? Que attitude deveria tomar?

Sua constancia em visitar a noiva, a todos dava a entender que continuava o mesmo. Mas, depois da leviandade de Lili, poderia querel-a ainda para esposa?

Não!

Illudira-se com ella, desconfiára de sua sinceridade, e isso era bastante para afastal-a de sua vida.

A traição vinga-se.

A leviandade, peor: perdôa-se. E não ha nada de mais doloroso para um namorado do que perdoar a pessoa amada que o offendeu.

"Perdoar é a maneira piedosa de desprezar..."

— Mademoiselle espera-o, senhor.

E a enfermeira levou-o, através dos salões, ao quarto branco da doente.

Luiz sentiu uma timidez repentina invadir-lhe todo o ser.

— Bom dia, Lili... Estás melhor?

— Quasi bôa, Luiz. Creio que a morte não me quer.

— Graças a Deus. Pensas ainda em offerecer festas como a ultima?

— Nem me fales, Luiz...

E o silencio, como um conviva importuno, ficou entre elles.

Lili aos poucos adormeceu.

Luiz pensou em retirar-se, deixando um cartão desculpando-se em não voltar a visital-a, por ter de partir urgentemente.

Uma mentira convencional...
nas.

Iria procurar em outro ...
guem que o comprehendes...
turbilhão passou em sua ...
mil perfis de mulher...

Nenhum se demorou á ...
templação: um outro, o m...
se recostava na fronha de ...
impedia, como uma nuvem, ...
parecimento dos outros!

Luiz presentiu a sua ...
ção... Ficaria só, viveria ...
sciencia, para a humanidade...

— Luiz, tenho as mãos frias...

Lili acordara de um somno...

— Luiz, aquece-me as mãos...

O rapaz quiz fugir; si ella tiv...
por algum tempo, aquellas ...
nhas entre as suas...

Não! Levantou-se, foi á ...
viu a cidade pobre agarrai...
morros e a cidade rica ...
dos arranha-céos.

Viu a vida vertiginosa ...
viu a população fremente ...
xava as fabricas, a caminh...
os grandes navios invadindo ...
nabara, procurando abrigo nos ...
tos immensos...

A si mesmo Luiz indago...
que essa incessante ambi...
homem, essa agitação ete...
torno do dinheiro, do lucro, ...
tuna...

E onde ficava, então, ...
nheiro que se não amonto...
cofres, e não enriquecia em ...
tempo toda aquella multid...
trabalha? Nos "cabarets"? ...
go? No "bar"?

Luiz olhou mais uma ve...
dade, como a interrogar. E ...
posta concisa, verdadeira ...
surgiu envolta no crepusc...
calçada, humida de orvalh...
operario, que descêra do ulti...
de, dava á filhinha, que o ...
perar, um embrulho enorm...
se via, nas dobras mal feitas...
derme rugosa de um pão!

Luiz abaixou a cabeça, ...
nhado. A verdadeira finali...
homem é a familia.

Tudo quanto se faz no ...
com esse unico intuito de ...
uma geração, sem a qual o ...
acabaria...

Acabaria si não houvesse ...
Não ha lar que resista sem a...

— Luiz, vem...

Luiz precipitou-se: queri...
do que nunca a sua Lilizin...

Fôra uma infantilidade a s...
pa. Ella tambem o amava, ...
certeza... Esqueceria o pas...
haviam de ser muito felizes...

Fascinado, Luiz ajoelhou-...
pés da unica mulher que ...
quistára. Apertou-lhe as ...
aproximou seus labios dos ...
houve um longo beijo para ...
car aquelle amor...

MAGDALA DA GAMA OL...

MASSAS ALIMENTICIAS AYMORÉ Lda
FABRICA
RUA MORAES E SILVA Nº 42
TELEPHONE VILLA 2339
Unico Agente
Moinho Inglez
RUA DA QUITANDA 108-110
SECÇÃO DE VENDAS TELEPHONE N.165
RIO DE JANEIRO
Orthof
Cabello de anjo
Esse typo de massas é um alimento insuperavel para doentes e convalescentes.
Peça ao seu armazem:
Cabello de anjo AYMORÉ
MASSAS ALIMENTICIAS
AYMORÉ
SECC PROP
MOINHO INGLEZ

O que nem todos sabem

A quéda de uma folha se produz pela formação de uma delgada capa de tecido vegetal que nasce exactamente no ponto em que a folha está pregada ao ramo. Esse tecido vae engrossando, até que corta o talo. Pelo mesmo motivo se desprende o fructo quanto está maduro.

*

Nova York, que já conta nove milhões de habitantes, prepara-se para poder abrigar 20 milhões.

Nesse sentido, uma numerosa commissão de technicos, entre os quaes 150 engenheiros e architectos, apresentou, após sete annos de trabalho, um projecto grandioso, ampliando a area da formidavel cidade e dotando-a de colossaes arranha-céos e de avenidas subterraneas para facilitar o trafego dos seus automoveis que, actualmente, já attingem a 600.000.

As despesas com o engrandecimento de Nova York e o preparo para supportar esse enorme accrescimo de população estão avaliadas naquelle projecto em 26 milhões de contos de réis.

*

Herbert Spencer observou que a temperatura influe muito no riso. Quanto maior a distancia do Equador, menos propensão ha para o riso. O negro africano ri-se até num enterro. O "lazzarone" de Napoles está sempre rindo. A gente do sul da Europa é toda alegre. Em Paris, já não é tão franco o riso. Na Hollanda ri-se pouco. Os inglezes se distinguem por seu caracter taciturno. As gentes do Polo tem pouca vontade de rir.

Influem, geralmente, no riso, o ar, o calôr e a luz.

Todos sentimos a depressão que produz um dia nublado.

*

As mulheres chinezas, apezar da adopção de praticas occidentaes na Celeste Republica, ainda conservam, na sua grande maioria, habitos antigos, obedecendo, como disse Confucio, quando solteiras, a seus paes, quando casadas, ás suas sogras e quando viuvas aos filhos mais velhos.

Salvo nas familias de alta linhagem, as mulheres chinezas não sabem lêr e escrever, aprendendo sómente trabalhos domesticos e agricolas, em que se esforçam como escravas. Nas classes inferiores, dada a sua desvalia social, ellas chegam a não ter prenome.

Apezar de tudo, a historia da China regista numerosas mulheres celebres, escriptoras, artistas e até imperatrizes.

Emquanto a natureza chora...

— O vento lança á terra toda uma louçania esmaragdina como se atapetasse o chão para a festa da esperança! Chove! Cada pingo da chuva parece trazer á minh'alma mais uma gotta de pranto para encher, para transbordar o vaso de melancholia que trago em meu peito!... Como si não bastasse a magoa que em sua ausencia me invade a vida, vem, por este crepuscular tão triste, a sua voz de sons de Paganini! Minh'alma vibra numa hora azul como si executasse ali, a melodia de "I Palpiti"!...

Chove! E o vento é forte! Que frio!... A sua voz continúa vibrando no silencio dessa hora! E, embalada pela sua ternura estranha, cerro os olhos e sonho!...

O perfume das violetas sobre a mesa metamorphosea-se num aroma de eleme!... A minha vista vae pouco a pouco distinguindo o interior de uma immensa cathedral!... Nossa Senhora, toda de auzl, sorri-nos lá do altar illuminado! Sobranceiro sempre, em sua bonita estatura, como você está bello, envergando uma impeccavel casaca!... A seu lado, a sua noiva toda de branco, em rendas e auranceias, sorridente e orgulhosa de você... oh! como estou linda! pareço a fada dos laranjaes floridos da vida!...

— Uma campainha sôa... abro os olhos... E' uma ligação errada!... Fico a contemplar o violão sobre a almofada que estampa um trecho de Versailles!...

Chove! E o vento vae levando as folhas para a festa da esperança!... Que frio! Docemente me vem cantando n'alma esta sonata feita verso:

— "Que *importa! Virás um dia!...*
— *O' folhas podeis bailar!*
A minha melancolia
Ha de passar... de passar...
Eu sei que virás um dia...
— *O' filhas podeis bailar!...*" (*)

DILKE DE BARBOSA RODRIGUES

(*) Bastos Portella.

As Victimas do Acido Urico

Gotta
Rheumatismos
Areias da bexiga
Arterio-esclerose
Azia

«O Urodonal não é somente o dissolvente mais enérgico do acido urico conhecido actualmente, pois é 37 vezes mais poderoso que a lithina age, além d'isso, preventivamente, na sua formação, oppõe-se á sua producção exaggerada e á sua accumulação nos tecidos peri-articulares e nas articulações»

Dr. P. Suard,
ex-Professor das Escolas de Medicina Naval, ex-Medico dos Hospitaes.

Aconselhado pelo Professor
LANCEREAUX
ex-Presidente da Academia de Medicina de Paris, no seu TRATADO da GOTTA

Envenenado pelo acido urico, atenazado pelo soffrimento, só pode sêr salvo pelo

URODONAL

porque o URODONAL dissolve o acido urico

Etabl. Chatelain, 12 Grandes Premios. Fornecedores dos Hospitaes de Paris, 2, r. de Valenciennes, Paris, e em todas as Pharmacias
Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro — N. 82 — 10 de Junho de 1910

«Depositario exclusivo para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

SABONETES ARAXÁ

Fabricados com a

LAMA e com o SAL DE ARAXA'

Dosados pelo professor Dr. Antonio Aleixo da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas.

Os unicos approvados pelo Dp. Nac. S. Publica.

São os melhores para a pelle.

PLACITO D'ACHILLES (São Paulo) — Não, poeta! Não! Tenha piedade de mim! O sr. não é homem de bom coração!

Com as suas poesias intragaveis, faz-me lembrar certas visitas fatigantes, contra as quaes somos forçados a usar de todos os processos cabalisticos, no sentido de afastal-as para longe.

E' claro que me refiro ao poeta, ao máo poeta que é o sr. Pessoalmente, talvez o sr. seja sympathico. Mas como poeta, é um caso... como direi? um caso que faz mal aos nervos.

O sr. — como poeta — lembra esses cavalheiros que nos encontram na rua e só nos dão más noticias — ou só tratam de coisas desinteressantes:

— Olá, como vae?

— Bem.

— Sabe que o seu negocio foi por agua abaixo?

— Que negocio!

— Aquella situação que você pleiteava junto ao ministro tal.

— Que me diz! Isso é desagradavel para mim...

Ou então:

— Bom dia. Como vae?

— Vou indo.

Um silencio. E a seguir:

— E' verdade, você leu aquelle ataque ao prefeito, a proposito da rua Caixa Prégo que está esburacada?

— Não!

— E o caso daquelle assassinato occorrido no Cafundó de Judas?

— Não me interessa.

Pausa. Silencio afflictivo.

O homem cacête ataca:

— Escute aqui: queria pedir-lhe um favor.

— Fale.

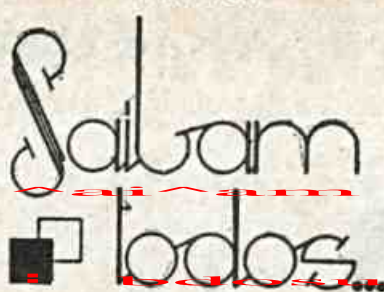
— Dei agora para a mania de fazer versos. Dê-me a sua opinião sobre estes...

E arranca do bolso interno do paletó uma bobina de tiras.

Oh! o homem fatigante! Fez-nos perder tempo, e estragou-nos o bom humor para o resto do dia...

O sr., caro Placito d'Achilles, é da categoria desse poeta exhaustivente.

Não me enviou uma bobina de sonetos, mas me fez chegar ás mãos um só — um só! — que vale por uma duzia de máos versos. O seu soneto *Idillio*, comquanto seja muito lyrico o seu titulo, está atacado de colite... Que soneto mais enroscado! Torce-se, retorce-se, — de modo que parece ter relação com u'a musa ophidica, de grande successo, indiscutivelmente, no Instituto Butantan; nunca nas paginas do FON-FON...

CESAR MOREIRA (Capital) — Confesso que foi com manifesta má vontade que comecei a ler os seus sonetos (Seis! Seis sonetos de um golpe só!)

Houssaye escreveu: "Conhece-se o espirito de uma pessôa pela natureza dos objectos que o rodeiam".

E assim é.

Não posso crêr que um poeta, um homem de bom gosto, possa escrever a outro n'uma vasta folha de papel almasso. E' preciso ser demasiado mediocre, penosamente material, para endossar semelhante prova de máo gosto.

Um poeta, na peor das hypotheses, deve revelar sempre as subtilezas do seu espirito — mesmo quando o ambiente lhe é de todo desfavoravel ás expansões dos seus requintes de arte.

Não chego ao exaggero de pedir uma carta em papel de linho, encimada por um monogramma em filigranas, perfumada a essencias de caron, como as cartas das paulistas e de algumas gaúchas. Mas faço um juizo muito pouco gentil de um homem que se diz poeta e arruma em cima de outro o prosaismo de uma missiva em papel almasso. Almasso! Que sacrilegio para um poeta!

Não, o sr. deve ser caixeiro de armarinho. Tenha paciencia. Deve ser gerente de lavanderia...

Fiscal de omnibus...

Conferente da Central do Brasil... Poeta? Não é possivel! Não me pregue essa pêta.

E a prova é que os seus seis sonetos... Mas, não! Sejamos justos. Seria uma indignidade de minha parte negar-lhe um certo talento poetico. Distingo o poeta do caixeiro de armarinho. Não é só no sr. que se nota essa duplicidade de pessôas. Esse dualismo é commum a todos nós. Somos o sonho de D. Quixote e a realidade prosaica de Sancho Pança.

Os seus decasyllabos revelam um poeta de inspiração facil, mas que não posue technica para realizal-os com apuro e elegancia de fórma.

E a prova é este soneto que, nas mãos de um artista, não sahiria encaroçado como está:

DÔR

Abandonado aqui, sem teu carinho
Na mais intensa e vil desolação;
Os doces beijos teus sem ter, sósinho,
Ao triste embalo de meu coração

Vivo tal qual um pobre passarinho
Preso em gaiola por perversa mão.
Chorando a perda do querido ninho,
Carpindo amargurada provação.

E choro dia e noite com saudade,
Pois já não tenho mais tua amizade,
Nem teus meigos affagos, sem eguaes;

Ai!... para allivio desse meu desgosto,
Eu guardo na epiderme de meu rosto,
Os beijos que me deste, sensuaes!

LON (S. Paulo) — Permitta-me uma franqueza: a sua carta é dessas que se propõem a fazer rir. Mas não dá para isso. Não dá mesmo para fazer sorrir.

O riso é uma manifestação de alegria, que se experimenta, quasi sempre, depois de uma impressão agradavel, mas pouco espiritual. O riso é bonachão. Elle vem sempre após um bom almoço, um jantar opiparo. Está ligado, mais directamente, ás coisas materiaes.

O sorriso é uma manifestação de espiritualidade. E' uma nuance do riso, uma sombra e, como todas as sombras, melancolica. E' um esboço de alegria que teima em ser uma leve tristeza.

Diz Henri Barbusse:

Le sourire, c'est ce qu'on donne!
C'est un mensonge parfois vrai...

E' a mentira de uma alegria, que, muitas vezes, é verdadeira. Uma alegria espiritual, já se vê...

Ora, si é assim riso e assim o sorriso, e a sua carta não provoca uma coisa nem outra, é claro que ella o que nos causa é esse estado intermedio, que fica entre o sorriso e o riso: indifferença.

Mas tambem não chega ser indifferença. Pelo menos a mim ella interessa em algo. Eu me explico. Quando li a sua carta, e percebi o seu desejo de fazer humorismo, ensaiei o terço de um sorriso, terço esse que póde ser representado pelo franzimento do angulo da bocca e que não se sabe si é uma expressão de mal estar, de soffrimento, de tedio ou de curiosidade. Numa palavra: é um terço de sorriso amarello, obrigatorio e convencional, como todo sorriso que se faz por méra cortezia. Percebe?

A's vezes, uma pessôa faz uma galatice, que nos daria vontade de chorar. Mas si essa pessoa é de cerimonia e nos pergunta, á queima-roupa: "Gostou", a unica coisa que se póde fazer é sorrir, constrangido, a terça parte de um sorriso...

Não veja nisso nenhuma ironia. Pois si acho que não é uma criatura espiritual, no sentido das ele-

gancias do espirito, tambem não commetterei a descortezia de dizer que V. Ex. seja espirituosa como um palhaço de circo. Deus me livre de tal insolencia!

Não acceito os beijos que me envia de longe, porque não ando muito necessitado delles... Peço-lhe o obsequio de deixal-os ahi, embrulhados, na sua portaria, e, na minha proxima viagem a S. Paulo, terei o cuidado de procural-os...

Quanto ao album que me pretende remetter, póde fazel-o quando achar conveniente. Aqui fico ás suas ordens.

ROXANE (Capital) — Como são varios e complexos os esclarecimentos que lhe devo, resolvi enumeral-os em paragraphos. Aqui vão elles:

1.º — Pede-me uma palavra esclarecedora sobre o que seja educação. E' assim que a interpreto: um fantasma, de que muitos falam, mas que ninguem vê, nem viu. Em outros termos. Educação! — Arte de ser amavel, tendo-se sempre uma palavra gentil para os erros e os defeitos alheios. Educação! — Attitude conveniente, que se mantem em face das pessôas conhecidas e desconhecidas, a quem se deve respeitar e tratar com fina cortezia! Educação! — Maneira gentil de evitarmos franquezas desagradaveis e desrespeito á vaidade alheia, afim de que possamos vêr a nossa respeitada. Educação! — Procedimento digno de sympathia. Como? De que modo? Tratando, com urbanidade, uma pessôa a quem nos dirigimos — directa ou indirectamente: por carta, por telephone, por intermedio de outrem. Damos assim a impressão de que sempre vivemos num meio illustre, fino, *distingué*, e não nos *basfonds* lobregos e sombrios.

Ahi está como interpreto a palavra *educação*, e a que V. Ex. se refere com enthusiasmo, reclamando-a para os que não a têm...

2.º — Quando se confia no cavalheirismo de alguem — dizem os tratados de civilidade — o que é *chic* e prudente é não ferir esse cavalheirismo, com chalaças extemporaneas, á guisa de bom humor. Que attitude seria a de V. Ex. si recebesse uma carta anonyma, gratuitamente aggressiva, pela sua zombaria mal educada?

3.º — Si V. Ex. espósa e faz sua a phrase de mme. Stael, quer dizer que confirma o velho proloquio, a que alludi, anteriormente: "O rôto rindo do esfarrapado."

4.º — Não é possivel um entendimento pelo telephone, nem de modo algum. Julgo as pessôas pelas suas attitudes. E a mim não interessa uma pessôa cujas attitudes reputo pouco dignas do meu apreço.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

5.º — Não lhe dou, e ao mesmo tempo, lhe dou o meu perdão, por dois motivos muito logicos: A) — porque perdoar é modificar uma opinião, e nunca o sentimento. Ora, desde que o meu sentimento, em relação a quem me offende, é sempre o mesmo, prefiro não perdoar; B) — porque Carmen Sylva dizia: "Perdoar é a maneira mais elegante de desprezar"...

UMA DESESPERADA (S. Paulo) — Upa! A sua cartinha é *impressionante*. Justamente porque relata um amôr que causa sérias *impressões* e parece actuar num cerebro muito *impressionavel*. Si fôsse possivel radiographar o seu coração, de 17 annos, certamente veriamos *impresso* sobre elle, a marca *impressiva* de um desespero que a deixa *impressada* entre a cruz e a caldeirinha...

Mas vamos á sua missiva. Ella é deliciosamente "gozavel". E como os innumeros leitores desta pagina estão famintos de humorismo, de coisas que os façam rir, não lhes quero roubar esse prazer espiritual.

Lá vae ella:

"Yves: — Sou assidua leitora da secção de "Saibam Todos" que tão bem diriges no FON-FON. Tendo notado que respondes com gentileza (quando não com ironia) as innumeras consultas que te fazem, atrevo-me a dirigir-te tambem, uma, esperando que me aconselhes, ja pareces ser tão pratico da vida e das maldades que infestam.

O meu caso é amoroso, como bem podes advinhar ao saber que tenho 17 annos. Não desconfie que eu seja uma solteirona, sim? E's muito desconfiado, que eu bem sei. Bem, vamos ao caso que me traz á tua presença:

Amo, doidamente, um rapaz e tudo faz-me crer que sou correspondida com sinceridade. Mas... (ha sempre um "mais") elle é egoista. Faz o que entende, não admitte que me queixe do seu modo de proceder, emfim, ama-me e parece ao mesmo tempo desprezar-me.

Agora, o mesmo não se dá commigo. Qualquer palavra que eu diga, sem intenção de offendel-o, elle se julga no direito de reprovar-me, achar que fiz mal, que o offendi. De modos que, faz de mim, "bola e peteca", sem que eu tenha coragem de reagir.

Encontro-me em um estado de inferioridade lastimavel, preciso soffrer tudo calada, aturar todos os seus caprichos, com receio que elle se zangue.

Isso já dura perto de 7 mezes e me encontro cada dia mais desanimada. Não se ria, Yves, e auxilia-me, sim? Que fazer, para que elle seja menos autoritario e deixe desses caprichos que tanto me fazem soffrer?

Responda, Yves, o mais breve possivel, por favor, e creia que ficar-te-hia eternamente reconhecida — *Uma desesperada*."

"P. S. — Não cações do meu "portuguez", sim? Sou uma "Provinciana"."

Meditei sobre o seu caso, e cheguei á conclusão de que o seu noivo é um "Orlando furioso", um "Ricardo, coração de Leão", um "João sem mêdo", um homem de máo figado (bilioso), um tigre de Bengala (ou de Chapéo de Sol?) e talvez — ou, na certa — um neurasthenico.

Si assim, aconselho-a a submettel-o a um rigoroso tratamento hydrotherapico: duchas escossesas, de manhã e á noite. Ao fim de uma semana, elle estará macio como um pecêgo da California, como o velludo do seu manto, como pelle de gato Angorá, como o beijo de uma senhorita que tem 17 annos multiplicados por 3...

MARGERY (?) — Não sei quem seja o poeta Archimedes da Matta e ignoro, do mesmo modo, si elle tem livros publicados. "Nús" e "Adão e Eva", de Mercêdes Dantas, encontral-os-á na Livraria Alves; á rua do Ouvidor, 166. "Uma garçonne carioca" deve apparecer em setembro. Ainda estou escrevendo os ultimos capitulos do livro.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

Nome do consultante ....

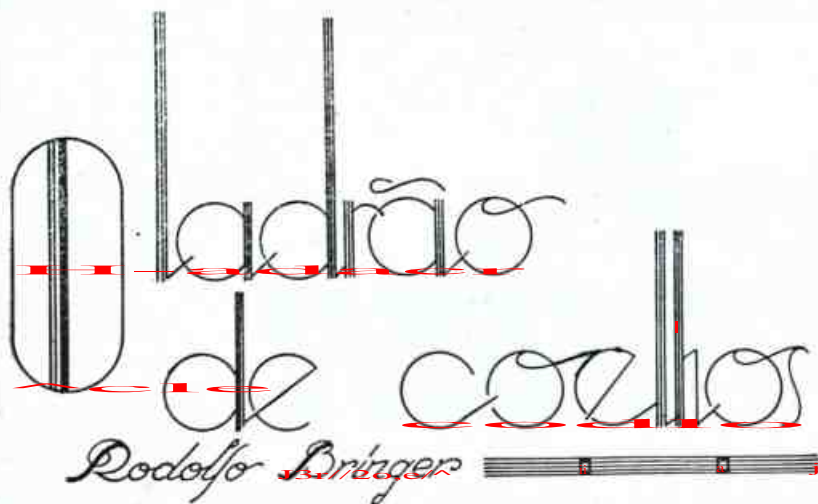
....

Data da consulta ....

A Rainha das Estradas

Distribuidores:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744-2407

AO levantar-se aquella manhã, o bondoso senhor Smith foi, como todos os dias, dar uma volta por sua quinta, afim de vêr como estavam as arvores fructiferas que havia plantado alguns dias antes.

Cansado já de despachar expedientes na repartição publica onde trabalhava, o bom Smith teve a sorte de receber uma herança, como chuva cahida do céo, a qual lhe permittiu comprar uma casinha de campo, rodeada com seu jardim e sua quinta, e retirar-se para ali, afim de passar tranquillamente o resto da vida.

Na manhã a que me refiro, Smith, ao sahir ao jardim, divisou um soberbo coelho, que se entretinha em comer as plantas que começavam a brotar d aterra.

E' evidente que o bom Smith poude muito bem agarrar um pão e matar com o mesmo o intruso para comêl-o depois, bem condimentado. Estava em seu direito. A lei autorizava-o a fazêl-o e elle o sabia. Mas o pobre homem pensou que o coelho talvez tivesse fugido de algum curral vizinho e que, si o matasse, certamente teria algum aborrecimento. E, assim, limitou-se a segural-o pelas orelhas e encerral-o em uma casinha onde guardava suas ferramentas de jardineiro, emquanto percorria as casas dos vizinhos para saber a quem pertencia o coelho.

O animalzinho não pertencia a nenhum de seus vizinhos do lado. Isso deve ter sido o sufficiente para acalmar seus escrupulos. Mas, desejando oser honesto até o fim, deu uma gorgeta ao leiloeiro do logar para que annunciasse o achado do coelho. Um quarto de hora depois, se lhe apresentou a velha Morby, que lhe disse:

— Venho vêr o coelho. Garanto como é meu.

O bom Smith dirigiu-se, seguido da comadre, á cazinha onde encerrára o coelho, e verificou, consternado, que o animal havia desapparecido.

— Que pena! — exclamou. — Sinto-o muito, mas o coelho fugiu!

— Bem eu já esperava... — disse a velha, suspeitando alguma cousa. — Agora, o resultado é que o perdi, porque elle, certamente, era meu. E era um bom exemplar: valia, pelo menos, quinze mil réis. Devia ter mais cuidado, homem de Deus! Quando a gente encontra em sua casa um animal que não é seu, procura-se guardal-o melhor, para restituil-o a seu dono... Quinze mil réis para mim, que sou pobre, valem muito.

— Escute — disse-lhe Smith. — Realmente, eu não tenho culpa do que aconteceu, mas, para que não diga que o perde totalmente, ahi tem sete mil e quinhentos réis. Repartiremos o prejuizo.

A velha foi-se embora, mas já havia á porta da casa de Smith tres pessoas que esperavam, as quaes tinham perdido cada uma um coelho.

— Já não o tenho — disse Smith. — O animal fugiu. Metti-o na cazinha das ferramentas, mas...

— Muito engraçado, isso! — exclamou uma das pessôas.

— Que vou fazer eu? — exclamou Smith. — Além disso, o coelho era da senhora Morby!...

— Como sabe o senhor? Si ella nem o viu, como póde affirmal-o. Da mesma fórma podia ser o meu.

— Ou o meu!

— Ou o meu!

— Que podemos fazer agora? De outra vez que encontre um coelho, saberei guardal-o melhor.

As tres pessoas se foram sem se despedir, suspeitando do bom Smith.

Outras foram, depois, á casa do velho, afim de ver si o coelho era um que lhes havia fugido, durante a manhã, ou á tarde, ou á noite. A casa recebeu uma verdadeira romaria. Todos os habitantes do logar haviam perdido um coelho e iam reclamal-o.

A todos Smith explicou o caso, e, ao sahir o ultimo, cahiu, exhausto, em uma cadeira, exclamando:

— Quando, de outra vez, encontrar, um coelho, comel-o-ei! Além de ter-me arrancado as plantas e custado ste mil e quinhentos, o animalzinho me fez perder a confiança de meus vizinhos.

Seus aborrecimentos não acabaram ahi. Breve pouco se convencer de que no logar todos o olhavam com máos olhos. Vinte e seis pessoas o accusavam de lhes ter roubado um coelho, e vinte e seis coelhos é muita cousa par aum homem só. A vida tornou-se-lhe impossivel. Chamavam-no o "ladrão de coelhos"...

O bom Smith teve que vender sua casa e abandonar, para sempre, aquella terra.

RODOLFO BRINGER.

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA	NORTE	SUL
Cuyabá .... 15 Setemb.	**LINHA RIO - BELEM**	**LINHA RIO-PORTO ALEGRE**
Alte. Alexandrino 30 Setemb.	Pará .... 6 Setemb.	Cte. Alvim ...... 5 Setemb.
Raul Soares ..... 15 Outubro	Pedro I ...... 13 Setemb.	Cte. Alcidio ..... 12 Setemb.
Bagé .... 30 Outubro	Cte. Ripper ..... 20 Setemb.	Cte. Capella ..... 19 Setemb.
Ruy Barbosa ..... 15 Novemb.	Manáos ...... 27 Setemb.	Cte. Alvim ..... 26 Setemb.
Sant. Guimarães 30 Novemb.	João Alfredo .... 4 Outubro	Cte. Alcidio ..... 3 Outubro
Cuyabá .... 15 Dezemb.	Pará .... 11 Outubro	Cte. Capella ..... 10 Outubro
Alte. Alexandrino 30 Dezemb.	Pedro I ...... 18 Outubro	Cte. Alvim ..... 17 Outubro
Raul Soares ..... 15 Janeiro	Rodrigues Alves.. 25 Outubro	Cte. Alcidio ..... 24 Outubro
Bagé .... 30 Janeiro		Cte. Capella ..... 31 Outubro
Ruy Barbosa ..... 15 Fevereiro	**LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO**	**LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO**
Sant. Guimarães 28 Fevereiro	Duque de Caxias. 10 Setemb.	Campos Salles ... 11 Setemb.
	Baependy ..... 25 Setemb.	Affonso Penna ... 26 Setemb.
	Campos Salles ... 10 Outubro	Santos .... 11 Outubro
	Affonso Penna .. 25 Outubro	Duque de Caxias. 26 Outubro
	LINHA RIO - RECIFE	**LINHA RIO - LAGUNA**
	Cte. Vasconcellos. 30 Agosto	Asp. Nascimento.. 15 Setemb.
	Cte. Vasconcellos. 30 Setemb.	Asp. Nascimento.. 30 Setemb.
	Cte. Vasconcellos. 30 Outubro	Asp. Nascimento.. 15 Outubro
		Asp. Nascimento.. 30 Outubro

PRECISEI de um secretario e não sei quem me recommendou um individuo que tinha uma perna de páo.

Quem m'o recommendou me disse que eu não receiasse em acceitar os serviços daquelle homem, que tinha, entre outras excellentes qualidades, a de ser um homem summamente agradecido.

Em vista de taes informações lhe respondi que podia mandar-me seu recommendado, e, no dia seguinte, muito cedo, se apresentou elle em minha casa.

Era completamente calvo e tinha uma perna de madeira.

— Eu sou a pessoa que recommendaram ao senhor.

— Bem. Sente-se Disseram-me que viajou muito.

— Sim, senhor.

— Por onde andou?

— No anno de 1893, abandonei o paiz para dirigir-me ao Canadá, de onde me transportei, depois, ao territorio do Noroeste.

— E por que é calvo? Alguma enfermidade do cabello?

— Não. Um indio arrancou-me a pelle.

— Ah! E permaneceu ali muito tempo?

— Não, porque immediatamente comprehendi o quanto me era difficil ganhar a vida ali, e assim parti para Nova York.

— E que fez naquel la cidade?

— Fui cozinheiro, pharmaceutico, bombeiro, conductor e até cavouqueiro.

— Não esteve na India?

— Sim, senhor. Precisamente estive dois annos em casa de um rajá. Mas, por causa de uma aventura amorosa, tive que abandonal-o. Parti de noite, na barca de um pescador de perolas, e durante cincoenta e quatro horas, tres minutos e dezoito segundos estive á mercê das ondas. No fim desse tempo fui atacado por uma piroga de negros anthropophagos, que me fizeram seu prisioneiro.

— E por que escapou de ser devorado por elles?

— No momento em que se preparavam para assar-me, penetraram na ilha os guerreiros de Raho, que, depois de uma horrivel matança, me levaram captivo para seu paiz.

— E esses selvagens são tambem anthropophagos?

— Muito mais do que os outros. Mas, tão agradaveis, tão correctos, tão bem educados, que no primeiro dia me chamaram para manifestar-me que, embora tivessem o bom costume de comer todos os prisioneiros, a mim me perdoavam pelo mero facto de ter sido eu condemnado pelos selvagens inimigos da outra ilha. Passei tres mezes deliciosos em companhia delles, bem alimentado, morando em uma casa magnifica, com cozinheiro, lavadeira e outros luxos mais ou menos agradaveis... Até que me casei ali...

— E por que os abandonou?

— A nostalgia se sobrepoz a tudo o mais.

E então regressou á patria?

— Sim, senhor. Regressei a bordo de um vapor hollandez que fazia o commercio de plumas com os indigenas. O chefe da tribu conduziu-me ao vapor em sua propria canôa. O pobre chorava ao despedir-se de mim. "Não chore assim — disse-lhe, para acalmal-o. — Logo que chegue á minha terra lhe mandarei setenta e quatro relogios de ouro: um para cada um de seus filhos."

— E mandou-lh'os?

— Não pude. Aguardava-me, aqui, a miseria mais espantosa. Fui obrigado a ser engraxate para poder viver. Mas o officio não me deu o bastante para comprar os setenta e quatro relogios.

— Comprehendo-o. E que fez o senhor?

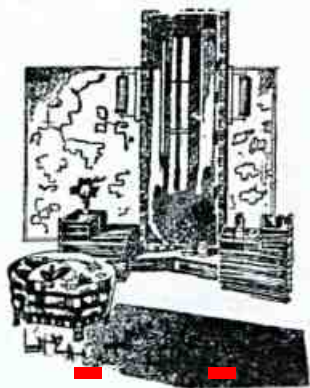
— Lembrei-me, então, da pequena fraqueza daquelles bemdictos selvagens, de sua predilecção por certos pratos... e mandei cortar minha perna esquerda, para envial-a a elles. Fiz salgal-a convenientemente, e, como se approximavam as suas grandes festas do anno, remetti ao chefe, com um cartão, rogando-lhe que a comesse sem melindres á minha saude. Sou um homem agradecido.

Comprehendendo-o assim, acceitei os seus serviços...

MOVEIS FINOS
TAPEÇARIAS
DECORAÇÕES

ASA UNES
MARCA REGISTRADA
HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922
65-RUA DA CARIOCA-67

LAUBISCH - HIRTH

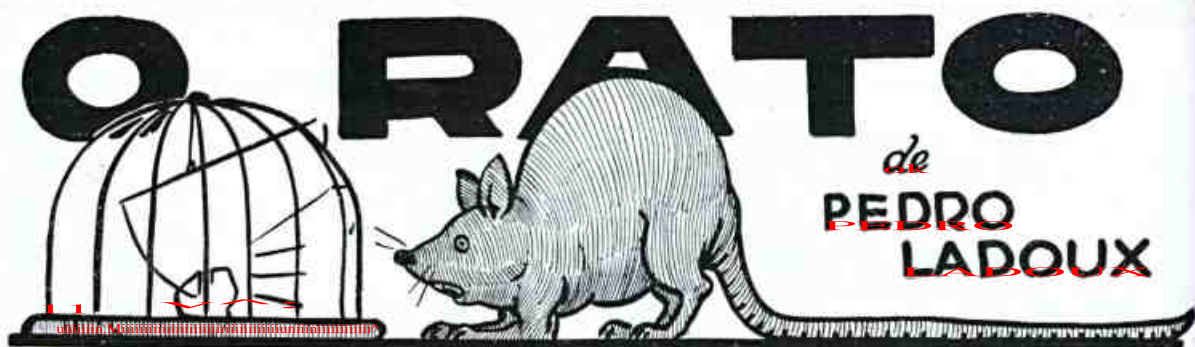
Moveis de distincção e decoração geral de interiores

Fabrica:

RUA RIACHUELO, 81-87

Telephone Central 4754
Ender. Telegr., «RIOMOVEIS»
Exposição do Centenario
GRANDE PREMIO

Exposição e venda:

RUA DO OUVIDOR, 86

Telephone Norte 3128 Tapeçaria: Central 5170
Com importante stock de nossos fabricados, sedas, cretones, tapetes orientaes e europeus, cortinas, etc.
Ender. Telegr. «MOBILART»

FELICIANO Lopes occupava, desde muitos annos, um modesto emprego em uma grande casa commercial, e sua senhora, dona Mercêdes, com o fim de ajudar a satisfazer ás necessidades do lar, geria um pequeno negocio de mercearia, installado na propria casa do bairro onde moravam. Os dois esposos haviam passado dos cincoenta. Não tinham filhos e sua vida deslisava com monotonia.

Lendo em voz alta um jornal da tarde, Feliciano teve sua attenção attrahida por um suelto que dizia assim:

"O Conselho Municipal vae approvar uma lei segundo a qual se dará um premio de mil réis por cada rato morto apresentado á repartição correspondente. Dessa maneira os edis julgam poder intensificar a campanha iniciada contra os roedores, vehiculos da maioria das enfermidades contagiosas, e sobretudo da peste bubonica, esse flagelo da humanidade. E' de esperar que todo mundo, interessando-se pela saúde publica, coopere nessa campanha humanitaria..."

— Ratos? — interrompeu a senhora Feliciano. — E' o que não falta aqui em casa. Não posso deixar nada na cozinha, que os roedores devoram. E' odioso!

— Realmente — concordou Feliciano. — Mas, tenho uma idéa: por que não procuarmos pescal-os? Além de proveitosa, constituiria para nós uma diversão util e barata.

Aprovou a senhora a idéa do marido, e no dia seguinte, em que, por ser sabbado, Feliciano se beneficiava com as vantagens da semana ingleza, passou a tarde a percorrer bazares para acabar adquirindo uma bella ratoeira, de solidos arames e "bem confeccionada" que levou triumphalmente para casa.

Depois de longas e minuciosas explicações, armaram a ratoeira e a collocaram na cozinha. Terminada a operação, os dois esposos foram repousar, com a serenidade que gozam as bôas consciencias dos bons habitantes de uma bôa cidade.

*

OS sinos da egreja proxima chamavam os fieis para a primeira missa, quando o casal despertou.

Levantada primeiro, dona Mercêdes, ao entrar na cozinha, lançou um grande grito:

— Feliciano! Vem depressa!

Feliciano correu ao encontro da companheira, arrastando os chinellos.

— Que ha?

— Na ratoeira! Ha um... grande!

— Não é possivel! Tão depressa?

Approximou-se e se abaixou.

— E' verdade! Ha um! Mas não é tão grande...

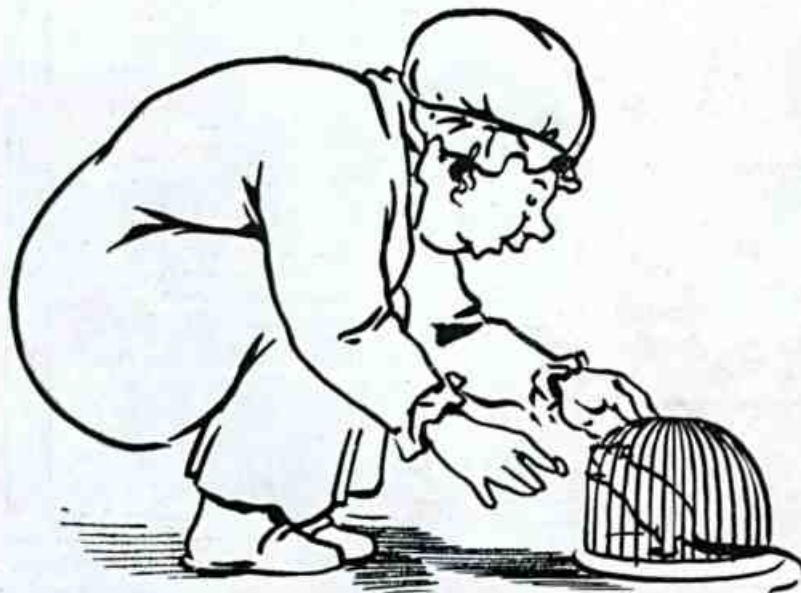
Dizendo isto, tomou a ratoeira e a collocou sobre a fornalha. A senhora escondeu-se por traz delle e ambos contemplaram o prisioneiro.

O rato tinha o lombo pardo, o ventre esbranquiçado, um magnifico par de bigodes, olhos negros muito vivos e orelhas rosadas.

— Ah, ah! Tratante! — exclamou Feliciano. Comeste-nos o queijo, mas nos pagarás caro...

E fez gesto de beliscar a longa cauda que sobresahia por entre os barrotes, mas a senhora, horrorizada, o deteve.

— Como está animado! Não parece ter peste... E agora, que vamos fazer delle?

— Matal-o, ora essa! Afogal-o

emos numa vazilha cheia de agua.

— No tacho de lavar os pratos. Não tenho outro maior.

— Ah! não! Depois me causaria nojo. E quem sabe si esse rato não está doente? Melhor seria asphyxial-o dentro do fôrno da cozinha.

— Oh, que horror! Ahi? Nunca!

— Então o envenenaremos. O pharmaceutico nos dará alguma droga apropriada.

— Não o duvido, mas hoje é domingo e a pharmacia está fechada.

— Deixal-o-emos, então, para amanhã. De qualquer maneira, o rato não escapará. Agora, vamos vestir-nos e dar-nos um passeio. Amanhã será outro dia.

*

Ao voltar do passeio dominical, o primeiro cuidado do casal foi fazer uma visita ao prisioneiro.

O rato estava aboletado no fundo da ratoeira, com seu ponteagudo focinho apoiado sobre as patas deanteiras.

— Que aspecto tão triste! — observou a senhora. — Parece que pede clemencia.

— Talvez imagine o que o espera. Peor para elle! Vamos dormir.

Assim o fizeram, mas não tiveram um somno tranquillo. A's duas da madrugada, a senhora disse a seu esposo:

— Escuta, Feliciano! Não teremos perdão por fazer soffrer assim um pobre animalzinho. Desde hontem que não come nada. Vae morrer de fome, e isso seria uma crueldade. Vou dar-lhe um pouco de pão...

— Si te parece, vae...

No dia seguinte, pela manhã, o rato parecia mais gordo e olhava seus bemfeitores em signal de agradecimento.

— Pobre animalzinho! — exclamou dona Mercêdes.

— Era só o que faltava! — resmungou o esposo. — Que te compadecesses da sorte de um rato. A' hora do almoço trarei o veneno e acabaremos de uma vez com elle.

Mas o homem propõe e.... á hora fixada, Feliciano não trouxe nada. Deu como pretexto que havia sahido tarde do emprego, mas a verdade é que fôra o respeito humano que o impedira de fazer ao pharmaceutico esta confissão: "Senhor F...., pegámos um rato e não sabemos como matal-o. Quer vender-me veneno?" Ao chegar deante da *vitrine* cheia de grandes frascos de diversas côres, Feliciano haiva, covardemente, dado a meia volta.

A' noite, ao voltar para casa, achou uma nova desculpa, e no dia seguinte, interrogado pela esposa, respondeu:

— Queres que te diga a verdade? Pois bem: envenenar um rato não é pratico, pois comprar uma droga que custa alguns tostões, quando ninguem nos obriga a isso, é uma idiotice. E' preciso lançar mão de outro meio.

— Feliciano — suspirou a senhora — tens, como sempre, o direito de fazer o que bem entendas, mas resolve-te de uma vez.

Entretanto, antes de deitar-se, a senhora ganhou furtivamente a cozinha e por entre os barrotes de arame deslizou um bom torrão de assucar...

*

TRANSCORRERAM varios dias, durante os quaes o condemnado á morte foi alimentado e mimado, unicamente por compaixão.

Feliciano tambem, ás escondidas de sua esposa, e sob o pretexto de ir lavar as mãos na pia da cozinha, levava ao ratinho algumas gulozeimas.

Uma noite, os dois esposos se encontraram frente a frente, em flagrante delicto de compaixão. Baixaram, então, as cartas, e mostraram seu jogo.

O rato — era evidente e ambos o reconheciam — não devia ser morto.

Mas que fazer com elle?

— Deixal-o fugir.... — propôz, timidamente, a senhora. — Abrir a ratoeira no meio da rua e tomando cuidado para que o gato do vizinho não o veja. O rato escaparia e...

— E contrahiria a peste, e depois a transmittiria. Não! De modo algum! Já que tivemos a sorte de caçal-o, é nosso dever impedir-lhe que faça mal. E' um dever innato em todo bom cidadão... — disse Feliciano.

— Então, já que não queres matal-o...

— Guardal-o-emos, e assim estaremos certos de que não fará mal a ninguem. De qualquer maneira, pouco nos custa mantêl-o...

— E' evidente, e depois se domesticará depressa. Olha: já não tem o aspecto tão adusto...

— E' verdade. Bem se vê que é intelligente.

No sabbado seguinte, Feliciano Lopes percorreu novamente os bazares, para adquirir uma jaula confortavel, a maior que pôude encontrar... E a ratoeira foi, immediatamente, relegada ao esquecimento, juntamente com caixas velhas de chapéos, no alto do armario da despensa...

M. C.

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER."

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 35

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1929

DA FOLHA DE PARRA AO RETALHO DE SEDA...

ELOIAS LOPES

A penna scintillante, cheia de vivacidade e de *finesse*, de conhecido chronista parisiense, traçou, um dia destes, um encanto de phrase, deliciosa como *potin* e profundamente verdadeira no conceito moral que ella expressa: *la pudeur est une coquetterie qui a fait son temps.*

As ingenuas e candidas donzellas de outrora, as adoraveis e romanticas creaturas, cujo desapparecimento já François de Villon, no seu tempo, tanto lamentava, na linda *Ballade des dames du temps jadis*, parece passaram por este mundo como uma miragem para, como uma miragem, se desfazerem.

Aliás, o typo classico e sentimental das "ingenuas" de todos os tempos, das mulheres *avant rouge*, cujo sangue tinha algo daquella dengulce das sensitivas melindrosas e castas, sempre foi mais obra da fantasia e da imaginação dos seus ardentes enamorados, do que da propria natureza feminina, atavicamente tão predisposta para a simplicidade e a fascinação da nudez paradisiaca, para a acceitação da vida *au grand naturel*, tal como a viveram Adão e Eva no recato cheiroso e puro do Paraiso, á sombra da primeira macieira, onde trocaram, sem corar, talvez, o primeiro beijo de amor que já cantou sobre a terra aberta em flor.

O homem, porém, com o tempo, vestiu a mulher, por dentro e por fóra, levado pelo seu zelo, pelo seu ciume, pelo seu egoismo, não raro cruel e dominador, cobrindo-lhe as fórmas, velando-lhe a alma, que encheu de mysterio e de coisas do... outro mundo. E deu-lhe, sem querer, uma arma poderosissima, um condão cujas virtudes ella soube aproveitar em seu favor: a *coquetterie* da pudicicia — a nova fórma de tentação com que ella teve rendido, a seus pés, até um dia destes, aquelle que ainda tinha a veleidade de se julgar seu "senhor".

Depois, veiu a vida vertiginosa, febril, intensa, dos tempos modernos e, com ella, o espirito novo que a creou e condicionou.

As deliciosas "ingenuas" de outrora, as bonecas gothicas do romantismo, sem sequer *pedir licença* ao extravagante e bizarro creador do seu typo ideal, de mulher velada por fóra e por dentro, rebellaram-se contra o homem, contra os costumes, contra os canones austeros da moda passadista, e começaram a agir e a *vestir-se* com a mesma desenvoltura e graça com que faziam tudo isso nos tempos paradisiacos.

O pudor tinha passado de moda, era um artificio de *coquetterie* que já não tinha razão de ser. E surgiu a nova phase intermediaria, um mixto de folha de parra com retalhos de sedas finas, de tecidos feitos para coarem os raios claros, quentes e indiscretos do sol e do olhar da gente.

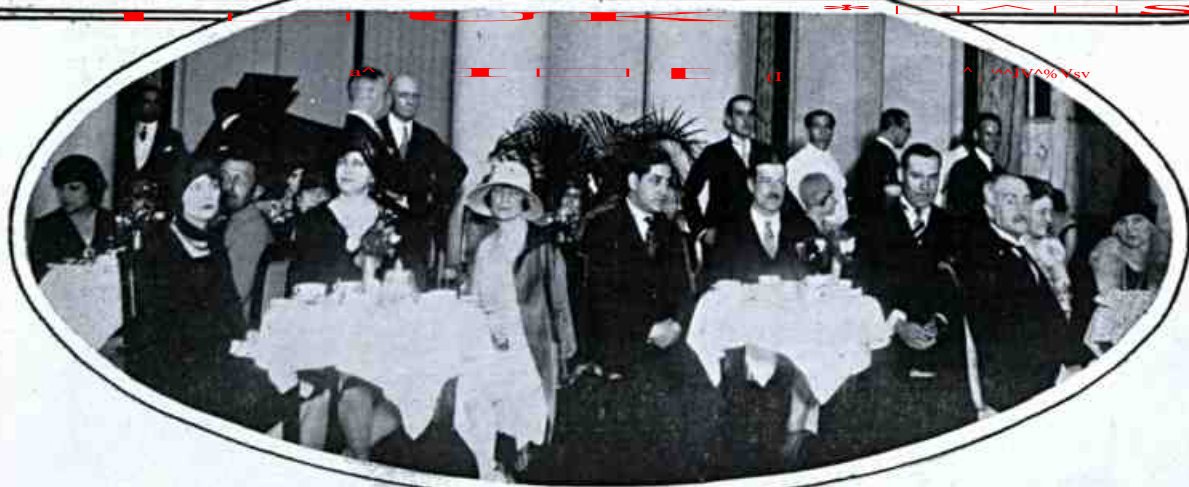
— Que bom! — dirão muitos.

— Que pena! — lamentarão outros.

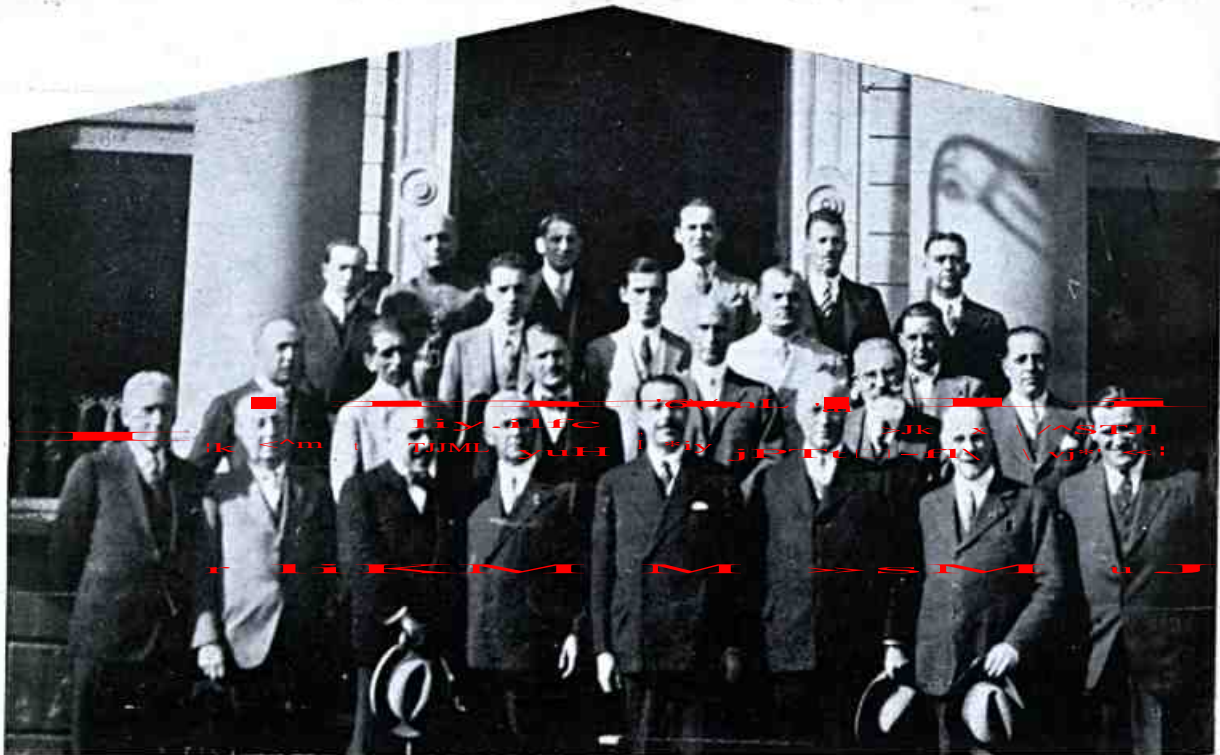
E eu, entre uns e outros, não sei bem que dizer e que pensar. *Entre les deux...* minha "animalidade" acceita e exalta a primeira opinião, meu espirito duvida e interroga, mas meu coração, preso ainda ás forças e ás disciplinas do passado, cheio de sentimentalidade e de mysticismo, revolta-se contra essa *victoria* da Eva de hoje, da *Femme Nue*, e canta, baixinho, em surdina, a linda *Ballade des dames du temps jadis* — encantadoras flores de pudicicia e de recato, creação purissima da nossa idealidade e do santo e abençoado caturrismo dos nossos antepassados, nos bons tempos em que avósinha, já de cabellos brancos, ainda sabia "corar", ostentando no rosto, ante um galanteio mais picante de avôsinho, a rosa vermelha do pudôr... Hoje, através de um pastel de rouge e de bistre, quem poderá dizer que viu uma melindrosa... corar?

"Ninguem não viu"...

E, fico, entristecido e desencantado, a repetir o ritornello, o estribilho da suave ballada de Villon:

Où sont les neiges d'antan?...

A delegação dos Estados Unidos junto ao Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem offereceu, sexta-feira penultima, no Hotel Gloria, uma recepção ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico e á nossa alta sociedade.

A FESTA DO URUGUAY

NA sède da legação do Uruguay realizou-se, domingo ultimo, uma elegante e fina recepção, que o sr. ministro Ramos Montero, commemorando a passagem do anniversario da proclamação da independencia daquelle paiz amigo, e a realização, nesta capital, do 2.º Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem, offereceu ao nosso mundo official, ao corpo diplomatico, ás delegações do referido Congresso e á sociedade carioca. Foi uma festa de alta distincção e fina cordialidade a recepção dada pelo illustre diplomata uruguayo.

O exmo. sr. dr. Julio Prestes, presidente do Estado de São Paulo, recebe, no palacio dos Campos Elyseos, alguns delegados nacionaes e estrangeiros ao Congresso de Estradas de rodagem.

FILIGRANAS

A noite silenciosa derrama sobre a minha rua adormecida a prata liquida do luar. Uma aragem impregnada do iodo do mar balbucia na folhagem rubra das amendoeiras. As lampadas electricas merguiham, reflectidas, na humidade do asphalto.

Um gato atravessa a rua, rapido. Um cão pára na esquina proxima. Eu esqueço-me de mim na janella em que debruço a minha meditação. E' toda a vida que ha nessa hora tardia.

A noite silenciosa derrama sobre a minha rua adormecida a prata liquida do luar.

O sr. senador Antonio Azeredo, vice-presidente do Senado da Republica, e sua exma. senhora, offereceram, sabbado á noite, em seu palacete da praia de Botafogo, um banquete de despedida ao embaixador da Italia e senhora Bernardo Attolico, que domingo seguiram para a Italia.

E VANIDADE...

QUANDO A TARDE MORRIA...

QUE fazer num dia de domingo? Lêr? Passear? Procurar os cinemas? Amar?

Si eu tivesse uma "limousine", dessas que rebrilham á luz do sol, sob o polimento do esmalte, á porta das casas de chá, certamente faria hoje um passeio, até Petropolis, para vêr as suas mulheres e as suas hortensias lindas. (As hortensias são as mulheres dos jardins petropolitanos; e as mulheres, as hortensias da cidade serrana...) Si eu tivesse uma "limousine" esmaltada, não só iria a Petropolis: iria tambem ao cinema, ao theatro, ou a qualquer outro ambiente" ou l'on s'amuse"... Si tivesse um amor, — ah, como seria feliz! E' claro que este domingo de hoje não seria burguez para mim. Pelo menos, não havia de ser tão estupido...

Com o meu amor, eu saberia encher as horas desta clara tarde melancolica... Mas como não tenho esse amor, — um amor como eu sonho, e escuro — de olhos pensativos e calmos — direi como no bello poema de Tristan Dereme:

— J'ai le coeur plein
[de musique
Et Clymène est trop
[loin...

Sim, tão longe... Tão distante!

Ora como não tenho uma "limousine", nem tampouco um affecto — mas possuo uma estante cheia de livros bons, o que faço é aproveitar este domingo estupido, para ficar em casa e lêr.

Lêr... E' ainda a mais doce das volupias, dizia Chateaubriand, si não estou em erro.

* * *

Abro a minha estante e apanho um livro ao acaso: Huerto Agnostico, de Vargas Vila.

— Muito bem, digo eu. Como vae, grande escriptor? Ha quanto tempo não o leio, hein?...

Agora, descubro uma dedicatoria gentil na primeira pagina: "Pour le coeur sceptique, amér, revolté, passioné, qui semble vivre dans les pages de ce poème enchanteur. — "Suave Enlevo" — ce livre — Larme sombre".

Como é bom recordar as coisas bôas que passaram! Bem razão tem Anatole France, quando faz o elogio do passado, num capitulo de "La Vie en fleur"...

* * *

Adeante, noutra folha, encontro este periodo de Vargas Vila: "Saber es Dolor; ignorar es Desgracia. Qué hacer? Procuraremos el Dolor de saber nuestra Desgracia; y, ser asi dos veces desgraciados..."

Medito sobre o alcance dessas palavras profundas e cheias de sabedoria.

* * *

Na verdade, que vale o saber? Não será melhor ignorar?

Estou eu crêr que o ignorar não é uma desgraça, mas uma felicidade relativa.

São tantos os casos em que esse conceito poderá ser demonstrado...

No amor, por exemplo, saber, ás vezes, é uma dôr — como sentencia o estylista magistral de Ibis. Mas o ignorar, quasi sempre, é uma doce ventura, porque é uma fórma da illusão.

Saber que uma mulher nos é indifferente, ou nos prefere por outro, justamente quando ardemos por ella, é, indubitavelmente, uma dôr; mas ignoral-o, é uma felicidade. Porque emquanto vivemos sob as azas brancas da illusão, estamos ao abrigo da dôr — a dôr immensa que é saber a verdade cruel e irremediavel.

* * *

Ahi está! Não era sobre essas coisas graves que desejaria falar. (Falar ou escrever?) Mas, já agora, a tarde morre como um sonho. O crepusculo se desdobra em penumbras de sêda, de um tom violaceo, melancolico e impressionante.

Já não posso mais escrever. Dêm licença: vou accender a lampada do "abat-jour"...

MLLE. Lucia Lobo, a graciosa declamadora carioca, que realiza hoje o seu recital, no Instituto Nacional de Musica.

ASTERISCOS — Dr. Yves — Os senhores já assistiram a um casamento hebreu? Não? pois é uma solemnidade muito interessante.

Vejam por aqui...

O scenario nada tem de impressionante. Imaginem um salão amplo, com as portas e as janellas fechadas. Luzes ardendo.

Ao fundo, vê-se um *gueridon*, sobre o qual descança uma alta "corbeille" de rosas vermelhas, naturaes. Em torno, vêem-se outras. De um lado do *gueridon*, com um ar enfarruscado, está o noivo; a noiva, tambem um tanto enfezada, está do outro. Esse máo humor tem uma explicação muito plausivel: é que, no dia das bodas, os nubentes jejuam até a hora do "conjugo vobis" judaico.

Em sentido rectangular, (terrivel tantalismo para elles) correm mesas recobertas de doces e bolos de todas as especies. (Manipulação hebraica).

A sala está cheia de convidados. As damas e os cavalheiros, e bem assim os noivos, vestem como nós. A noiva está mesmo um tanto melindrosa, com a sua "toilette" branca, o seu véo vaporoso e as symbolicas flôres de laranjeira.

Só o noivo é que destôa um pouco da elegancia ambiente — com o seu jaquetão preto e gravata branca, de cambraia. Pela sala ha tambem alguns decotes e "smockings", absolutamente "déplacés", ás cinco horas da tarde.

Subito, todos os homens põem o chapéo na cabeça.

— Que quer dizer isso?

— Vae começar uma cerimonia preliminar, — explica o meu "cicerone", um judeu illustre e educado. — Aqui é ao contrario da egreja catholica: cobrimo-nos quando se iniciam os actos religiosos.

Os meus olhos agora estão fitos num magro homem de barbicha, muito louro e de olhos azues, com um rosto descarnado e anguloso, o nariz recurvo como o da sua raça. Em summa, é um typo authentico de judeu, que serviria para illustrar as paginas de um conto inglez, onde se falasse em dinheiro. Mettido num sotambaque negro, que lhe vae até os joelhos, o "rabbino" se volta para o canto de uma porta e dá as costas aos convidados. Ahi faz uma especie de prece, que é proferida numa meia voz de chôro e queixume.

Minutos depois, a oração está finda. Passa-se ainda uma meia hora e tem inicio a verdadeira cerimonia nupcial.

O noivo é conduzido a um salão vizinho, onde o espera um "pallium" de damasco como os das nossas egrejas, e que se chama "hupa". Quem o conduz são dois padrinhos, que lhe dão o braço esquerdo, ladeando-o e levando uma vela accesa na mão direita. A noiva, executando o mesmo ritual, vem atraz — arrastando o longo cortejo de convidados que tambem trazem velas accesas.

Sob o pallio, o noivo se detem e espera a noiva que, seguida dos padrinhos de ambos, dá sete voltas em torno a sua pessôa.

O "rabbino" toma um copo cheio de vinho tinto. Faz uma nova prece, de olhos cerrados, repetindo o choro de inda ha pouco. Depois entrega o copo aos noivos, que o tocam com os labios, e parte um segundo copo, atirando-o ao chão. Essa cerimonia refere-se ao noivo. Agora é a que se refere á noiva. Mas desta vez, quando elles tomam o gole do vinho o copo não se parte.

Pergunto porque.

E o meu guia explica que o symbolo do copo partido tem uma significação da vida intima do casal. Segredos de alcova...

Os convidados os cobrem de petalas de rosas. Abraços, beijos, "parabéns"...

Vão todos para a mesa.

O que, porém, mais admirei nessa cerimonia israelita, foi a ordem, o respeito, a compostura de todos. Principalmente na mesa, onde não houve "avança" aos doces...

Emfim, sempre ha um sorriso para attenuar tanta melancolia...

CHARLA — Um certo escriptor italiano, que já foi processado pela independencia da sua linguagem desabrida, e o seu sarcasmo desorientador, escreveu: "Gli uomini si dividono in due grandi categorie: quelli che pagano e quelli che fanno solamente il

gesto. Io sono di quelli che pagano." Tambem posso repetir:

Eu sou da categoria dos homens que pagam. Mas pago tudo — muitas vezes como o hollandez — o homem que paga o mal que não fez.

E' extraordinario!

Como não possuo automovel, e só ando de omnibus e de bonde, (e nestes mais frequentemente) segue-se que nunca encontro quem pague a minha passagem. E' um azar.

A's vezes, vou lendo calmamente. No bonde não faço senão reparar nos typos e lêr.

Entra um conhecido:

— Como vae você, ó Yves?

— No melhor dos mundos, como diria o Dr....

Si elle é homem lido, — conclúe:

— Pangloss...

Si não é, — fica por isso mesmo. O Dr. para elle, pode ser até o Jacarandá.

Acontece que elle está sentado na extremidade. Pois, meus senhores, quando o conductor chega, a berrar: "Faz *obséquio*", o amigo apenas se coça. Coça, torna a coçar... e quem paga sou eu.

Resultado: interrompi a minha leitura, estraguei o meu humor e ainda perdi os nickeis.

Não é que eu seja ahi um neto do *Père Goriot*, de Balzac, um descendente de Harpagão, um sujeito sovina. A minha letra, larga como um compasso em angulo obtuso, indica prodigalidade. Que querem?

Mas o meu dinheiro é ganho com o suor do meu rosto, de operario da penna. Por coherencia, só entra ás gotas, no meu magro bolso. Imaginem agora a minha lucta...

Pois bem! Eu só encontro no meu caminho, que é uma "selva escura", como a de Dante, lobos e tigres esfaimados.

Si entro num café, ha sempre um cavalheiro que se sente á minha mesa. Café ou refresco, doces, etc. (Eu nunca vou além do café... Janto e almoço na minha casa). No fim de tudo, o commensal quer que seja eu o amphitryão. Coça-se, torna a coçar-se; abre a carteira, procura nos bolsos, e quem acaba dei-

xando os nickeis (ou as pratas) no marmore da mesa — sou eu.

E o mais curioso de tudo é que, quando alguem paga para mim, já tenho um haver de varios e vastos mil réis.

Não é estupendo?

Ha mais. No dominio moral, tambem pago o pato de que não comi.

No terreno amoroso — idem.

Imaginem que ella (ella é a criatura amada) chega á perfeição de dizer:

— Estou com dôr de cabeça.

— Coitada!

— Você é o culpado.

— Eu?

— Sim! Você, mesmo.

— Meu Deus do céo! Que lhe fiz eu, boneca de porcellana?

— Contrariou-me. Disse que Colleen Moore tem mais graça do que Mary Pickford.

E, no minimo, terei que me submetter aos seus caprichos, durante uma semana.

Sabem para quê? Para pagar o "meu erro", diz ella...

Decididamente: eu vou me benzer...

BLAGUE — Dr. Yves — Estavamos todos numa roda ampla, de gente de espirito fino, gente elegante e *distinguée*.

Como é natural, a palestra borboleteou em torno de assumptos varios. Numa roda assim, não ha assumpto predominante. Elles se succedem, não coordenados, mais desparatados. A's vezes, é um gesto que desperta um commentario. O gesto de um circumstante que, nem sequer, pensara em tal coisa.

Mas a verdade é que a roda estava bôa para tudo: para se discutir literatura, falar da vida alheia, devanear sobre o amor, commentar a politica, etc.

Um dos presentes (nem podia ser dos ausentes) citou o phenomeno literario que se verifica, actualmente: quem não tem talento se filia ao futurismo.

— E publica uns livros grandes, do ta-

Por que dizem que as paulistas são reservadas? Pela esquivança do olhar?

manho de um bonde, bem vistosos, para impressionar os gregos com o seu cavallo de Troya...

— E isso já foi observado na "Verve" e na malicia de um conto de Martins Capistrano.

Outro da roda, por signal um pintor, referiu-se aos seus collegas.

— Na pintura occorre a mesma coisa.

— Por que diz isso? — indaga uma melindrosa, alumna da Escola de Bellas Artes.

— Porque ha certos pintores que, não sabendo desenho, fazem uns mostrengos e os impingem como figuras, nús, etc.

— O sr. exaggera! — protestou a avó da melindrosa da Escola de Bellas Artes.

— Não digo nem metade do que se sabe a respeito!

Por fim, a palestra tomou rumo differente. Falou-se sobre o amor moderno.

— Marinetti — disse alguem — sustenta que o homem que possue um automovel póde conquistar todas as mulheres do mundo.

— Um automovel e um "bungalow" — ampliou outro.

— Exaggero! — berrou a avó daquella melindrosa da pintura.

— Sim, ha excepções. Mas argumentamos com a regra.

Um malicioso zombou:

— As excepções são as mulheres que exigem dois automoveis e dois "bungalows".

Até a propria vovó achou graça na pilheria.

— E que acha o senhor?

— Eu?

— Sim.

— Acho que não ha excepções. As excepções são coisas creadas pela imaginação covarde dos que não têm coragem das suas opiniões.

— Então para o sr. só ha regras...

— Excepto as que apresentam excepções.

— Ah! — exclamou a melindrosa da Escola de Bellas Artes. — O sr. é um "blagueur".

Afinal, todos pilheriavam. Todos diziam a sua piada.

Havia, porém, uma senhorita que se limitava a rir de tudo, sem arriscar uma palavra. A certa altura, ella se ergueu da cadeira e foi até o interior do hotel, onde a nossa roda se formara.

Alguem estranhou:

— Por que é que a senhorita X... não fala, mas ri de tudo. Será por superioridade?

— Não — disse eu, que a conheço de ha muito.

— A intelligencia della está muito "apagada"...

Espanto geral. Então concluí:

— Ella procura "illuminal-a" com a graça do seu sorriso... "eloquente"...

A roda se desfez n'um minuto.

C A R T A

Dr. Lucio de Moraes — "Minha gentil desconhecida. — Sua voz tem a sonoridade clara e alegre de um canto de ave na floresta. E' uma voz de doçura e de encanto. Uma voz que deve pertencer a uma belleza fulgurante, porque é uma linda voz de mulher.

A tarde de agosto está serena e luminosa, com um sol de ouro pompeando lá fóra. Aqui dentro, nesta sala deserta, aonde chegam écos de buzinas e ruidos confusos de machinas trabalhando, — aqui dentro eu só escuto, feliz e contente, a harmonia suave de uma voz que derramou nos meus ouvidos todo o lindo mysterio da sua formosura imponderavel. De uma voz que encheu toda a minha alma dolorosa e está vibrando ainda dentro do meu coração desolado.

Você, minha gentil desconhecida, si não é bella, como parece, deve possuir uma seducção irresistivel. Porque sua voz tem rythmos estranhos, que fazem bem aos meus silencios — aos amargos silencios da minha vida...

Garante-me você que não ha lampejos de saphyra nos seus olhos, nem na sua pelle ha claridades de verão. E acrescenta-me que é bronzeada como as brasileirinhas do norte e tem uns olhos tão negros que lembram as sombras mysticas e quietas das grandes noites melancolicas do meu sertão. Não é alta nem baixa, e gosta muito dos homens intelligentes. Do que se conclue que tem um fino espirito de estheta e, talvez, uma sensibilidade «raffinée».

Pois a sua voz é radiosa e macia como esse sol que veste de ouro a paizagem de agosto e tem suavidades de crystaes.

Si eu fosse julgar a sua belleza pela sua voz, diria que você era deslumbrante como as madonas de Raphael e, loira ou morena, tinha, acima de tudo, essa graça envolvente da mulher brasileira. Mas, você me diz que é morena e tem nos olhos a quietude mystica da noite e no cabello as sombras avelludadas dos crepusculos de inverno. Não creio que esteja mentindo, porque tão doce voz não póde commetter esse humano peccado da mentira. E você me disse tantas cousas bonitas, falou tão lindamente ao meu coração e ao meu espirito, que eu fiquei deslumbrado ouvindo a sua voz sincera e sentindo o longinquo esplendor da sua belleza moça. Da sua belleza que me veiu na doçura quente de sua voz.

Você conhece aquelle soneto de Felix D'Anvers que exalta o encanto mysterioso e velado de uma dama que o poeta não sabia quem era e que tanto impressionou a sua alma lyrica? De certo conhece. Quem não conhece a celebre desconhecida de D'Anvers?

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre,
Elle ira son chemin, distraite et sans entendre
Ce murmure d'amour elevé sur ses pas;

A l'austère devoir piensement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle:
«Quelle est donc cette femme?», et ne comprendra pas.

Você é a minha suave desconhecida, cujos encantos eu vislumbro através de uma estranha harmonia, que me penetra n'alma numa caricia envolvente de sonoridades... Você é, minha gentil desconhecida,

Un amour éternel en un moment conçu.

Você é meu doce amor que eu não conheço. Meu amor de voz serenamente linda, serenamente mysteriosa. Amor que me conquistou, que me seduziu pela falla...

Meu coração, porém, está, aqui perto, bem pertinho destas linhas que ora escrevo para você — está repetindo a phrase fatal: «Quelle est donc cette femme?»

E eu não sei, minha gentil desconhecida, não sei, positivamente, o que lhe responder...»

ZIG-ZAG — Um leitor do Fon-Fon, "um leitor que não dispensa *Evandnele*", segundo declara, enviou-me uma carta de onde extraio este topico: "...achei feliz a defesa que fez dos homens, na sua chronica — "As mãos dos homens e as mãos femininas". Os argumentos que apresenta são convincentes. De facto, a mão da mulher é mais leve que a do homem. Póde ser muito habil, muito experiente e levar vantagens sobre a nossa.

Mas a verdade é que ella não realiza o que a nossa é capaz de realizar.

Em ultima analyse, basta perguntar: "Quem fez o Universo? Não foi a mão de Nossa Senhora... Foi a do Supremo Architecto."

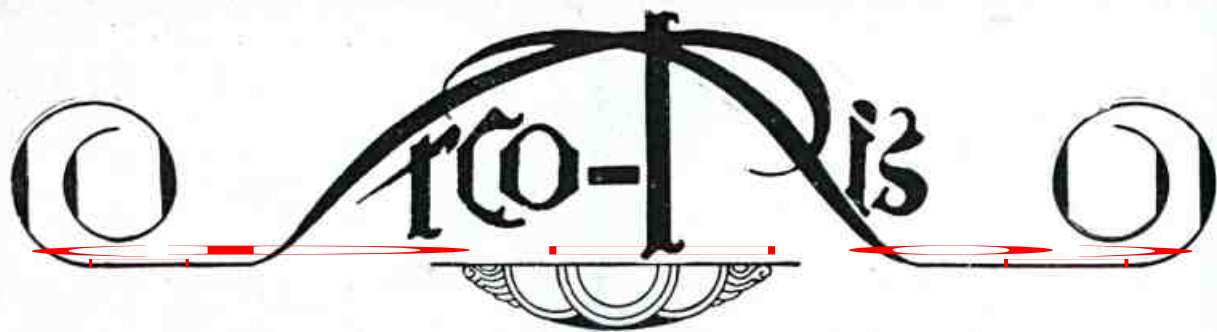
O leitor, que se assigna Catão, faz, ainda, varias considerações de ordem philosophica, para demonstrar que em tudo está sempre a mão de Deus.

Deante de tal argumento, creio que não é possivel apresentar outros, que possam convencer melhor.

Para agradar a ambos os sexos, digamos que as mãos do homem, como as da mulher, são necessarias a tudo quanto ha sobre a terra. São ellas as constructoras da felicidade, essa felicidade que é a alegria de viver, tão relativa entre o homem e a mulher...

Foi inaugurado em Santo Amaro, São Paulo, um monumento para perpetuar através dos seculos os feitos aviatorios do glorioso italiano De Pinedo e do nosso arrojado Ribeiro de Barros. A cerimonia, que se revestiu de grande brilho, congregou, em torno do bronze glorificador do heroísmo aereo de duas raças, italianos e brasileiros, que uns e outros vibraram no mesmo sentimento commovido de patriotismo e de intima alegria, evocando, numa tão linda solennidade, as horas de emoção das grandes façanhas do «Santa Maria» e do «Jahú».

■ ■ ■

As photographias desta pagina fixam dois detalhes da inauguração do monumento italo-brasileiro de Santo Amaro, que apparece numa dellas em toda a sua imponente e expressiva belleza.

FELICIDADE...

Sóbe á Torre de marfim,
olha, bem no alto, uma estrella,
guarda-a e planta-a em teu jardim
para mais tarde colhêl-a.

Mas, só uma! E, simplesmente
com uma estrella, no estellario,
ou uma flôr, nesse florario,
ama e sonha: sê contente.

Escolhe um astro — e medita.
Escolhe uma flôr — e adora,
numa só flôr — toda a flora,
num astro — a Esphera infinita.

Coragem da mocidade,
que vem, o peito desnudo!
— Querendo a felicidade,
começa por querer tudo...

Ser feliz!? mas, que é preciso?
Pergunta ao teu coração.
Crês que todo o paraiso
caiba na tua ambição!

Queres ter todos os mundos,
no mundo que mal possúes!
E olhas os mares profundos
e inquires os céos azues...

Felicidade é esperança,
é esperança e paciencia:
não chega a ser a abastança,
nem chega a ser a indigencia.

E' pobreza, sem vexame,
é virtude, sem legenda.
E' uma mulher que te ame,
é um amigo que te entenda.

Quem pediu toda a colheita,
nada tem, pois tudo quiz.
Felicidade perfeita
(ai! da flôr!) é a da raiz.

Ter humildade, na gloria!
Ter modestia, na altivez!
Morrer, levando a memoria
tranquilla de quanto fez.

E ter, vivendo ou morrendo,
cheio o olhar, vasia a mão,
e um velho amor renascendo
eterno no coração...

Mulher Chic
A condessa André de Robilant
traz um turbante de fita setim
"mordore!"
Modelo Jean Patou Paris

PAINEL DE AZULEJOS

COCKTAIL

AS CIDADES DE HONTEM

Meu espirito sente a fascinação das cidades em que a historia e a arte deixaram impressos seus rastos inapagaveis. Mortas pelas vicissitudes da existencia dos homens ou cheias de vida pelos bafejos do progresso, ellas revelam á minha alma os sentimentos do seu passado, toda a carreira gloriosa ou humilde dos que as habitam. Assim, tenho eu sentido, nas terras maravilhosas do Brasil, as sensações poderosas e eternas de Marianna e Sabará, Ouro-Preto e S. João d'El Rey, Villa Velha e S. Salvador, Recife e Olinda, São Luis do Maranhão e Alcantara.

Numas ficaram os vestigios das lutas e as cicatrizes dos combates, em outras se vêm os rastos da fé ou da riqueza, em outras as pegadas do heroismo e da gloria. Os nomes dos grandes batalhadores ou artistas, dos grandes guias ou dos grandes administradores ligam-se secularmente a ellas: o conde de Assumar e o Aleijadinho, La Ravardière e Vidal de Negreiros, Francisco Barretto de Menezes e Fernandes Vieira, Thomé de Sousa e o Tiradentes, Odorico Mendes e Mathias Beckmann.

Cidades de hontem, como eu sinto hoje a vossa alma!

O DIREITO

O agigantado vulto do edificio das concepções juridicas perfila-se no das vagas tumultuarias das competições entre os estados e os povos como uma torre onde lampeja o farol da esperança. Tenhamos fé em que raie para o mundo um dia, no qual o ultimo ratio justitiae seja, não a guela mortifera dos canhões sobre cuja culatra os governos dos seculos mortos gravavam esse distico, porém a palavra serena do juiz, e a sentença dos arbitros e dos magistrados detenha a mobilização das milicias, a partida das esquadras e abertura dos arsenaes.

O PASSADO E A HISTORIA

Tudo para nós é o passado. Sobre elle architectamos as aspirações e as saudades de que vivemos. E, quando os sabios examinam as palafittas, arrancam dos entulhos millenares as Troyas carbonizadas ou colleccionam as reliquias dos troglodytas, agem impellidos pelo seu sub-consciente avidos de saber o mysterio das origens para explicar as incertezas do presente e melhorar a sorte do futuro.

Tudo na vida humana é historia — chronologica, poetica ou philosophica. Historia — as primeiras epopéas — os Mahabarathas, os Ramayanas, as Illiadas, os Vedas, os Eddas e os Tripitakas, os vetustos livros religiosos — Puranas, Baghavatas, Theogonias, a Biblia com o Sepher Bereschit, que é a historia da Creação, com os Reis, os Juizes e os Paralipomenos, que são a historia dos homens. E que eram os livros Sibyllinos, reduzidos a um só ante a incredulidade do Tarquinio, sinão a historia dos vaticinios, das sciencias occultas, do começo e da finalidade do mundo? Historia ainda, velada e revelada, no profundo conceito de Mario Roso de Luna, as lendas, as tradições, os mythos, os rituaes e os contos com que se embala a curiosidade nova das crianças.

A historia é a nossa vida toda, completa, absoluta, integral.

SCIENCIA FRANCEZA

PROFESSOR dr. Pasteur Vallery Radot, illustre scientista francez, que actualmente nos visita, tendo vindo ao Brasil, a convite do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, realizar, na Academia de Letras e na Academia de Medicina, conferencias sobre assumptos medicos e sobre a vida de Pasteur. O professor Pasteur Vallery Radot, que é cathedratico da Faculdade de Medicina de Paris e neto do grande Pasteur, ficará entre nós até meiados de setembro, quando então regressará a seu paiz, onde seu nome tem notavel e merecido relevo.

A MOCIDADE

Do alto das serranias, quando o sol inclemente das sêccas conhece os esqueletos das catingas e todo o sertão se alonga nú e preto, as cópas verdes dos joazeiros heróicos e úteis, cuja sombra abriga a rez sequiosa e o vaqueiro emmagrecido, cuja rama e cujo fructo alimenta o gado e o retirante, partilham a desolação. Quanto mais a estiagem se prolonga, quanto mais a canicula dos dias estivaes calcina a terra infeliz, e mais cresce a agrura, e mais augmenta a solidão, mais viçoso, mais bello, mais senhoril e mais verde pompêa o joazeiro como o estandarte da esperança.

A mocidade é como o joazeiro.

D. JAYME

PEÇO A PALAVRA...

Foi preciso que se inventasse a bancada *liberal* da Camara, para a nação gozar o espectaculo de uma segunda edição do cinema falado...

Até ha pouco, tudo caminhava bem, porque todos estavam com o governo.

Ninguem discutia, dando a impressão de que aquelles senhores reunidos no palacio vigiado pelo Tiradentes de camisola, — um boneco de bronze maior do que o pedestal, — tinham desertado do Instituto de Surdos e Mudos...

Surdos ao appello da nação, mudos por conveniencia da politicalha.

Agora, parece que todos têm vontade de falar, de gritar, de esbravejar, para dar a nós outros, os da galeria, a impressão de que isto é, realmente, um paiz perdido...

Ha scenas patheticas, peripatheticas, de arroubos da oratoria parlamentar!

Um deputado mineiro, por exemplo, combateu com ardor, o outro dia, a praxe das gratificações, uma vez que os funccionarios já são bem pagos.

Foi preciso esse cidadão *assentar praça* na bancada *liberal*, para annunciar ao paiz a sua phenomenal descoberta, de que os funccionarios publicos já são bem pagos! Genial creatura!

Os funccionarios ganham tanto dinheiro, que já abandonaram o systema dos ternos a prestações, fecharam os clubs de roupas, já pagam collegio aos filhos, já frequentam o Municipal e não têm senhorios, pois habitam confortaveis palacios com automoveis á porta.

Os deputados, estes sim, é que estão necessitados de mais um augmento dos subsidios, vulgo ordenados...

O "dia do soldado" foi festiva e brilhantemente commemorado nesta capital, no dia 25 do mez que hoje finda, data do anniversario do duque de Caxias. A imponente solennidade, que se realizou no largo do Machado, em frente á estatua do glorioso soldado patricio, teve a presença do sr. presidente da Republica, altas autoridades civis e militares.

Forças de terra e mar desfilando deante da estatua do Duque de Caxias, em honra ao grande cabo de guerra e em continencia ao chefe da Nação.

MAGNUS DOLOR

(A Paulo Filho)

A dôr maior de quanta dôr existe,
A dôr suprema que o destino traça,
Aquella que não poupa e que não passa,
Tornando uma existencia tôrva e triste...

A mais acerba dôr, essa que insiste
No impiedoso martyrio e se entrelaça
A' vida, saturando-a de desgraça
E' de amargura, a que ninguém resiste...

A dôr mais funda, a que mais dôe na vida,
Que se desenha bem no olhar magoado
E cava dentro da alma uma ferida...

A dôr supplicio, em fim, a dôr pungente
E' não poder amar e ser amado,
A' sentir-se adorado inutilmente!

Paulo Gustavo.

OUTRO aspecto do desfile das tropas do Exercito, da Escola Militar, da Marinha e da Policia Militar, que tomaram parte na imponente formatura do largo do Machado.

CACILDA DOS OLHOS VERDES

Cacilda tem uns olhos engraçados.
Interessantes, lindos, veludosos,
singularissimamente esverdeados
e espiritualmente luminosos.

Têm parceis verdes nos seus tons magoados
e abysmos de esmeralda esplendorosos;
galhos de urtiga branca macerados
em nardo verde, em filtros capitosos.

Têm cobras verdes do sertão do Norte.
Têm guriatans, têm gralhas, periquitos,
murta de cheiro de odorancia forte;

têm visagens, encantos, passarinhos,
têm as caiporas de olhos esquisitos
[illegible] enfeitiçam o verde dos caminhos...

Esdras-Farias.

Em pleno dia

François Copée

NAQUELLE domingo, o Odeon devia dar um espectaculo classico á uma hora, isto é, á uma hora e um quarto. Não esqueçam que no theatro tudo é falso, inclusive o horario.

A grande actriz Fanny Perez acordou muito tarde e estava de um mau humor insupportavel. Na vespera, á noite, seu papel era secundario na peça que estreára, e a representação, aliás, fôra tempestuosa. Seu amante, Salomon Cerf, o tapeceiro que a sustentava sem grandes generosidades, fez questão de leval-a para cear com tres companheiros que falaram todo o tempo do jogo da Bolsa. E ella se aborreceu, deante do prato de fríos e da salada russa, indo se deitar a uma hora impossivel, a pobre criatura, que já não é muito mocinha, pois tem trinta annos (leiam trinta e tres ou trinta e quatro...).

Naquella vesperal, começarão pela peça "Falsas Confidencias", na qual lhe cabe o papel de Araminte.

Marietta, a criada de quarto, bem adivinhou, pela violencia do toque de campainha, que a senhora estava nos seus dias máus, e se apressou em levar-lhe o chocolate e os jornaes. Emquanto comia, Fanny, ainda no leito, percorria as noticias rabiscadas pelos jornalistas nocturnos. Ella apenas é citada duas ou tres vezes, ao mesmo tempo que outras de suas camaradas que representam papeis de comparsas, apenas, e sem nenhum elogio especial... E a peça é criticada a bem e a melhor! Muito agradavel.

Ding! A pendula soou. Onze e meia, já! E' preciso que Fanny esteja no theatro pelo menos ao meio dia, para ter tempo de fazer seu "maquillage".

— Marietta! Marietta!

E a actriz se veste ás carreiras, brigando com a empregada.

— Não... Esses sapatos não, desastrada! E' um automovel já, ouviu?

Emfim, eil-a prompta para sahir! Sempre bonita, mas tão pallida, de uma pallidez amarellada, a physionomia cansada com o arrepio febril da noite passada em claro, Fanny, sem reparar o sol radioso nem a pureza do céo, atira-se no taxi, enrola-se nas pelles do capote e, no fim de alguns minutos — direito! é apenas meio dia e cinco! — chega ao theatro, sobe rapidamente as escadas e entra na sua cabine, onde a espera o cabelleireiro segurando com galhardia o postiço empoado das faceiras damas de Marivaux.

— Bom dia, dona Fanny.

— Bom dia, Augusto. Apressemo-nos.

A actriz desapparece um instante atrás de um biombo, tira o vestido, enfia um "peignoir" e installa-se deante do espelho illuminado por duas lampadas electricas lateraes.

Meu Deus! Como ella se acha desfeita! Felizmente, eis os cremes e cosméticos esparsos sobre a penteadeira. Cold cream, pó de arroz, agua lyrial, carmim para os lábios e para as faces, nada falta ali. Está completo o arsenal da belleza provisoria. Immediatamente, com uma pericia machinal, a actriz inicia o "maquillage". Agil, abre os potes, as caixas, os frascos, enche pequenas vazilhas, molha a esponja, unta o rosto, o pescoço, o peito, manuseia o arminho, limpa as sobrancelhas com a escova, e toc! toc! dois traços de kaol sob os olhos e "meus braços que ia esquecendo", e ainda um pouco de tinta negra nas pestanas, uma ponta de "rouge" nas unhas e nas orelhas... Ella se aformoseia, se tranfigura, não se póde negar! O olhar se torna humido e luminoso. O sorriso tem a vermelhidão da romã entreaberta.

A camarista aproxima-se com ar compenetrado, segurando o bello traje de theatro, de setim rosado, com grande armação. Fanny levanta-se, despe rapidamente o "peignoir", mostra um instante ao cabelleireiro — sempre alli com o postiço em punho — oh! umas coisas encantadoras: uma nuca, umas costas, uns hombros... Enfia o vestido, aberto pelas mãos da camarista, como uma dançarina equestre passa por dentro de um arco, e eil-a, em menos de meia hora, preparada, penteada, empoada, scintillante, na graça pomposa e galante de sua "toilette" de antanho.

A alegria voltou-lhe. Aquelle espectaculo, representado deante de burguezes, de estrangeiros que lêm a brochura, de familias inteiras empilhadas nos camarotes, já não lhe apparece como um aborrecimento, como ainda ha pouco. Ao contrario, Fanny está encantada de representar ainda uma vez o papel de Araminte, no qual sabe que vae bem, e tem o successo garantido. Oh! os rapazes do collegio militar que seguram entre os joelhos os shakos de pluma branca e vermelha, vão applaudir até magoar as mãos, e muitos sonharão com ella, de noite, no dormitorio silencioso... E emquanto ensaia seu celebre olhar de soslaio da grande scena do terceiro acto, a actriz, orgulhosa de sua belleza de uma hora, sorri ante o delicioso pastel enquadrado deante della no espelho.

Está acabado. A camarista, de joelhos, collocou o ultimo alfinete. O cabelleireiro poz uma rosa na alvura do penteado empoado.

Mas a voz arrastada do ensaiador em vão geme nas trevas: "Já Va... e começar..." Fanny foi exacta demais desta vez.

— Sabes, minha filha? Ninguem desceu ainda — disse o velho comico Bonamy, ao encontrar-se com ella, no corredor.

E a actriz, para esperar o inicio do espectaculo, entra no "foyer" dos artistas. Mas, na soleira da porta, pára, deslumbrada. Pelas janellas abertas, o sol entra largamente, inundando de luz o salão vasto e vazio; e fóra é a primavera — a primavera muito fresca, esplendida, chegada nessa manhã mesma. Como o céo está azul e leve! E como é doce o primeiro sopro da joven estação, apenas morno, puro como o hálito de uma criança! Hontem, estava o tempo acinzentado e humido, e os transeuntes, munidos de guardas-chuva, patinhavam na lama. Mas, durante a noite, aquillo se resolveu de repente. E' abril. Tambem, todo o mundo está fóra, em trajes dominicaes, e os omnibus são toliados de assalto e a turba se comprime na porta do Luxemburgo. Está adoravel o velho jardim, com seus lilazes floridos, seus passaros loucos de alegria e suas velhas arvores com a folhagem desabrochada na vespera, de um verde tão terno e delicado, que as lagrimas sobem aos olhos. Oh, manhã divina! Fim do inverno máu! Clemencia de Deus!

Deante dessa apparição, a actriz, cuja alma não é bucólica, só tem, a principio, uma reflexão irritada:

— Máu! Com este tempo, vamos representar deante das cadeiras vazias. Aposto que não teremos duzentos espectadores.

Depois, querendo se assegurar mais uma vez que sua "toilette" lhe vae bem, olha-se num dos altos espelhos da sala, vê-se nelle da cabeça aos pés, e, de repente, recúa, com um gesto de estupefacção, quasi de medo. Porque o sol é vencedor de todas as pinturas, de todos os postiços, e em pleno dia a actriz se acha horrivel. Como! E' ella, essa boneca de cabelleireiro, pintada como um quadro, essa cabeça de cêra, emplastrada de graxa e de pomada? Como? E' seu traje esse vestido já sem frescura e desbotado, esse amontoado de farinha sobre a cabeça, essa rosa de bolo de

(Conclue na pag. 54).

SYLVIA SERAFIM TRADUZIU
MARCELO ROBERTO ILLUSTROU

FILIGRANAS

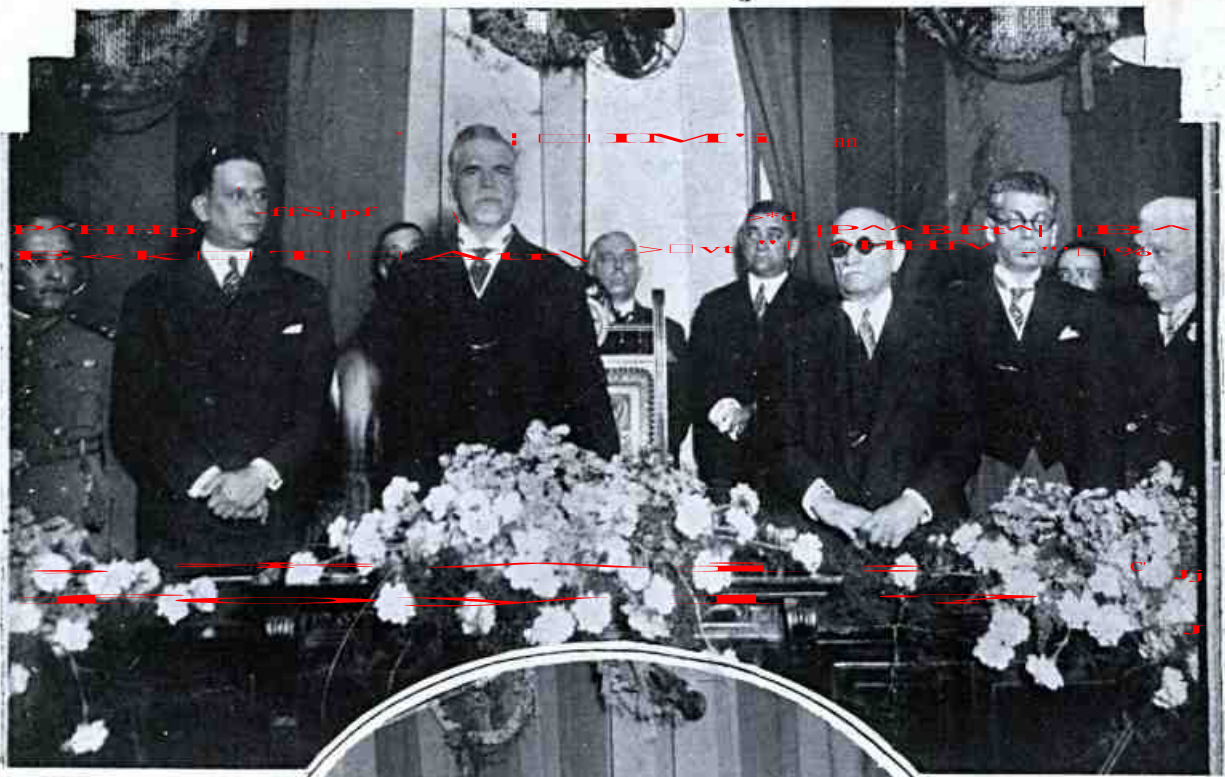
Praeco sum magnis regis!

Eu sou o arauto do Grande Rei!

Foi esta a frase com que o dôce S. Francisco de Assis espantou os bandidos que o aprisionaram, respondendo-lhes quando lhe perguntaram quem era. E é uma expressão que traduz de modo insophismavel a profunda, integral confiança que o Santo tinha na sua missão.

Aprendamos com o exemplo de S. Francisco a termos confiança em nós mesmos, fortemente. Será o nosso maior, mais decisivo passo para a victoria. Só são dignos do triumpho aquelles que nunca desesperam e contam, em primeiro logar, com a sua propria confiança em si mesmos.

* * *

A séde da Associação dos Empregados no Commercio recebeu, na penultima sexta-feira, a visita do sr. presidente da Republica, que alli esteve acompanhado de alguns de seus auxiliares de governo.

FILIGRANAS

Quantas vezes, poisando nos meus teus olhos luminosos, as mãos macias tomando as minhas mãos me tens perguntado si, em verdade, gosto mesmo de ti! E sorris e insistes, embora pelas provas de todo o dia estejas cansada de saber. Insistes e eu insisto no meu silencio.

Por que?

Porque eu te quero dar o gosto que assim se descreva numa velha cópla popular andaluza:

No te mates por [saber
que el tiempo te enseñará;
que no hay cosa más bonita
que saber sin preguntar.

Não sabes já, sem perguntares, ha muito tempo?

S. ex. o sr. presidente da republica visitou, quarta-feira penultima, a Associação Commercial do Rio de Janeiro, onde foi expressivamente homenageado pelas classes conservadoras.

EM regosijo pela primeira communhão de seus filhinhos Maria Candida e Antonio José, o casal Antonio José de Souza offereceu uma brilhante recepção em seu palacete da praia de Botafogo. (Photo De los Rios)

COUSAS DE RUA

— Mas, afinal, o que vem a ser essa historia de liberalismo.

— Coisa simples

— E' desejar para nós rulho?!

— E' desejar para nós aquillo que não fazemos aos outros...

NO dia em que completou 5 annos — e isso foi no ultimo sabbado — o galante menino Decio Camões, filhinho do dr. Carlos Camões, pediu licença á sua mamãe para receber os amiguinhos e... amiguinhas, numa festa infantil que poz em alvoroço todos os salões da residencia da rua Conde de Bomfim. Mauro e Claudio Thibau, filhinhos da nossa collega Petite-Source, e que são amiguinhos do anniversariante, lá estiveram tambem, augmentando a alegria da casa de Decio...

A menina Maria Helena, filha do dr. Accacio Pires, entre os amiguinhos que foram cumprimental-a pelo seu anniversario, e aos quaes offereceu uma linda festa de crianças, com bonbons e... sorrisos...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Um proverbio que as mães hindús ensinam a seus filhos, desde que elles começam a abrir os olhos curiosos de criança para a inquietadora revelação da vida, bem poderia erigir-se em principio ou imperativo categorico da arte de viver segundo o espirito que domina e agita a época contemporanea, tão intensa e cruamente realista nas expressões do seu *brouhaha*, do seu turbilhão, da sua vertigem.

Faze pequeno, bem pequeno, teu coração — dizem as mães hindús a seus filhos, habituando-os, desde crianças, a conter, a refrear, a concentrar e limitar, ao estrictamente necessario, as expansões e exigencias e solicitações do coração. O velho proverbio hindú, tão rude e tão claro na expressão da verdade que sentencia, tem, no campo de luta da vida pratica e febricitante de hoje, a melhor applicação. A época em que o coração se fez o centro luminoso da vida, cujos mandamentos elle traçava e insculpia em letras de oiro no azul claro e infinito do firmamento, já passou.

Os cavalleiros andantes da illusão louca, do sonho e da idealidade, os D. Quixotes de todos os tempos, são figuras inteiramente deslocadas no scenario de "grand guignol" da sociedade moderna.

A vida, dirigida, condicionada pelos sãos e bons impulsos que agitavam o coração da humanidade, impulsos que inspiravam leis e dictavam codigos *d'honneur et de noblesse*, de heroismo e de fé, de amor e de idealidade, já teve a sua época de fastigio e de esplendor. O coração deu tudo quanto poderia dar, numa prodigalidade louca, munificente e bemfazeja, de semeador para quem era um encanto e uma delicia o semear pelas terras amanhadas ou incultas da vida a semente fecunda e prolifica do bem, da bondade, da fé, do amor.

MLLE. Leopoldina Leite Alvares da Silva, distincta figura da sociedade carioca, com o seu sorriso quasi... triste, porém illuminado de bondade. Um suave sorriso de violeta, timido, recatado, sorriso que revela uma alma e um coração de mulher...

(Photo Annunciato)

• • •

Depois, uma a uma, vieram se apagando as letras illuminadas do céo, com que o homem, sonhador e sentimental, riscou, alto, alheiando-se da realidade e das asperezas da terra, a sua ansia incontida de uma felicidade cada vez maior, uma felicidade feita do perfume e do carinho de seu coração.

A flora, exubere e magnifica do sentimento foi, a pouco e pouco, perdendo a sua fragancia e a sua louçania. E fez-se perfume de folhas seccas, incenso e myrrha de grande e potencial ideal que, um dia, trabalhou e fecundou a alma humana.

Os tempos mudaram; os costumes mudaram. O espirito scientifico dominou o espirito romantico, e deu azas ao homem, e creou o radio e ergueu o arranha-céo — a massa bruta, a vertigem, tudo em desaccordo com o rythmo largo e profundo do coração.

Faze pequeno, bem pequeno, teu coração...

Que importa, para isso, se mutile o homem na parte mais sensivel, mais real, e tambem mais divina da sua "humanidade"?

Para acompanhar o progresso em concreto, em cimento armado, do seculo, um coração tambem de concreto, um coração petrificado, por onde mal estilla, de vez em vez, a gotta d'agua fresca e pura da sentimentalidade.

E a arte de viver, hoje, é a arte de adaptar-se ao espirito de cimento armado do seculo. Uma simples questão de adaptação ao meio ambiente é a condição unica de felicidade que ainda nos resta na terra em que Deus permittiu o suave peccado do amor para encher de illusão e de alegria a alma inquieta e o coração exaltado do homem, o coração que o adivinhava e o sentia, porque sempre se volvia para Elle, como um helintho para o sol, para a luz, para a revelação.

Hoje, nem Deus, nem o amor, nem a illusão. O arranha-céo, azas, vertigem, turbilhão, trepidação e febre. Ou simples angustia de viver, sem sentir, sem amar, sem comprehender a vida...

Faze pequeno, bem pequenino, teu coração, leitora amiga, linda creaturinha de olhos estonteados e indecisos, que vaes passando pela vida, mecanica, automaticamente, com a tua alma e o teu coração de boneca electrica, boneca de arranha-céo...

SOCIEDADE

Elegancias — Mlle. Lucia Lobo é uma creaturinha linda. A sua silhueta é a de uma boneca e a de um junquilho. Boneca pelo moreno rosado da face; junquilho, pela fragilidade do physico.

Mas, sobretudo, o que encanta em Lucia Lobo a espiritualidade. Essa graça do espirito se evidencia na sua fina arte de dizer. E é o encanto dessa arte e o brilho da sua graça, que iremos admirar, hoje, ás 9 horas da noite, no salão nobre do Instituto de Musica.

Ahi estão os poetas que a formosa diseuse, tão conhecida já em nossos salões elegantes, escolheu para o seu recital:

1.ª PARTE

I — *A palavra do silencio* — Povina Cavalcanti.
II — *O enterro da cigarra* — Olegario Mariano.
III — *O nosso ponto de interrogação* — Jayme d'Altavilla.
IV — *Delirio* — Octavio Ribeiro da Cunha.
V — *As barcaças* — Adelmar Tavares.

2.ª PARTE

I — *Vertigem* — Anna Amelia.
II — *Carnaval* — Henrique Lisboa.
III — *A tus puertas llegue* — Luisa Luisi.
IV — *Telephonada* — Maria Eugenia Celso.
V — *Não* — Virginia Victorino.
VI — *Reflexões* — Gilka Machado.

3.ª PARTE

I — *Homem, quando do clarão...* — Rodrigo Junior.
II — *Deante do meu bureau* — Bastos Portella.
III — *Apaisement!* — Paul Giraldy.
IV — *O accendedor de lampeões* — Jorge de Lima.
V — *Elogio do silencio* — Raul Machado.

Recepções — Em sua elegante vivenda da rua Almirante Gonçalves, em Copacabana, o casal C. da Veiga Lima, que desfructa de largo circulo de relações em nossa alta sociedade, offereceu, no ultimo sabbado, uma recepção aos seus amigos mais intimos, e que resultou numa festa rutilante.

A linda reunião, illuminada pelo sorriso captivante de madame Veiga Lima, que proporcionou surpresas bem agradaveis a seus convidados, a par das gentilezas em que se desdobrou, juntamente com seu illustre esposo, teve todos os encantos da simplicidade e da alegria. Dançou-se animadamente até duas horas da madrugada de domingo.

Foi uma nota de elegancia e bom gosto a festa do distincto casal C. da Veiga Lima.

— O distincto casal C. da Veiga Lima, commemorando tambem o natalicio de seu galante filhinho Carlos Octavio, abriu os salões de sua linda residencia, em Copacabana, para um chá offerecido aos numerosos amiguinhos do querido anniversariante.

Foi uma festa fina, elegante, cheia de alegria e de encanto, a recepção de Carlos Octavio. E seus extremosos paes cumularam de gentilezas e de attenções quantos foram levar o seu abraço e os seus cumprimentos ao interessante menino, que é a menina de seus olhos...

SORRINDO...

O meu sorriso, no momento em que garatujo estas linhas tem a serena e brilhante alegria das estrellas. Porque sorrio tambem com minha alma e meu coração, que sinto debruçados, numa suave camaradagem, na janella verde de meus olhos, abertos e distendidos para ti, distante, porém tão perto de mim.

O meu sorriso de agora, o sorriso que me brinca nos labios, festivo como um garôto, tem algo da caricia illuminada de teus olhos negros. Esses lindos olhos adorados, que me fitam neste momento, e que me parece dizerem: "vê como te quero, como te amo."

O meu sorriso de agora é tão suave e tão ingenuo como uma alma de criança, de criança para quem a vida tem ainda a fascinação e o encanto de um conto de fadas. Porque sempre que sorrio para ti, acorda, dentro de mim, e vem cantar nos meus olhos em festa, minha alma de criança, que só tu, meu amor, tens o poder de evocar e de trazer do intimo recolhimento em que vive para brincar comtigo, como agora brinco, a virar e revirar nas minhas mãos, cheias de carinho, o teu lindo retrato sorridente e amigo.

Viro e reviro teu retrato. Nenhuma dedicatoria. Nem uma palavra hum, un petit mot de lembrança. E, no emtanto, tu estás alli com

O baile com que o Club dos Bandeirantes do Brasil commemorou a passagem do 3.º anniversario da sua fundação, no ultimo sabbado, foi um acontecimento da mais fina distincção e elegancia, que reuniu nos luxuosos salões da sua séde um brilhante conjuncto de elementos de destaque nos nossos circulos mundanos. A gravura acima focaliza um dos aspectos do magnifico festival dos Bandeirantes.

E digam que as paulistas não gostam de sorrir... Pois sim...

toda tua alma e todo teu coração de mulher. E sinto que sorris para mim, que teus olhos se illuminam para encher de sol, de luz, de alegria e de consolação minha pobre vida de solitario...

ROSAS DE SANTA THEREZINHA

Meu principe e meu grande amor — Como você é ingrato e é máu, ás vezes, meu querido amigo! Máu e ingrato! E' assim, então, que me ama, que adora a sua pobre e triste *Santinha*, a sua modesta florzinha deste longinquo recanto do sertão mineiro, que só vive para você e que fez do seu amor o seu "céo" na terra?

Como me fizeram chorar as palavras de censura e de duvida do ultimo *Pombo-correio* que me enviou e que eu não merecia!

Porque, meu querido amigo, se você soffria, por não ter noticias minhas, por não receber as rosas da sua Santa Therezinha aqui da terra, mais soffria eu, doente, acamada, ardendo em febre, sentindo mais do que nunca a sua ausencia.

Grande máu, porque não pensou em tudo isso, antes de duvidar do meu amor, deste puro e suave amor, feito de céo e de peccado, em honra de que venho despetalando, uma a uma, as rosas mais frescas, mais louçãs e mais perfumadas de meu coração?

Quero mostrar-me zangada com você, meu principe, e não posso. Não ha nada melhor e mais consolador na vida do que um gesto de perdão. E, antes que você me fale e m'o peça, vou eu ao encontro dos seus desejos, com um grande e doce beijo de perdão a cantar-me nos labios. Conheço-lhe a alma e o coração, meu querido, e sei que só o soffrimento é capaz de fazel-o um poucochinho... máu e injusto para a sua Maria do Céo.

E, por isso mesmo, é que lhe perdôo o mal que me fez, e ponho nesse perdão, dado e concedido no calor de um beijo, toda a doçura e toda a consolação de uma benção de mãe.

Está satisfeito? Quer que a sua *santinha* continue sempre a realizar, na sua vida, o suave milagre das rosas que não emmurchecem nem morrem nunca, por isso que são cultivadas nos jardins suspensos do coração?

Meu principe e meu grande amor, beijo-o, com toda a ternura, e com profunda saudade, sua — *Maria do Céo.*

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo — Já não sei que pensar nem como interpretar e comprehender o seu silencio. Ha duas semanas, duas longas e tristes semanas, as *Rosas de Santa Therezinha* não trazem ao meu coração, para conforto e alegria do meu amor, o suave e mystico perfume de sua alma, *Maria do Céo!*

Por que?

Será que as mulheres, mesmo as santas, como você, Maria, sejam todas iguaes em materia de volubilidade?

Como estão murchas e entristecidas as ultimas "rosas" que você me enviou!

As mãos, pequeninas e puras, que lhe davam alma e lhe davam vida, entregaram-nas, agora, ao abandono, á inquietação e á tortura das desilludidas. Porque, as rosas tambem morrem de tristeza e de desillusão, de abandono e de falta de carinho, Maria. E, as suas rosas, as rosas que você me enviava, uma vez na semana, com uma constancia e uma solicitude que tanto me eram gratas ao coração, deveriam ser sempre como aquellas da santinha de Lisieux: cheias de bondade e de consolação, e, nunca, de amargura e de... maldade.

Espero ainda que me escreva, *Maria do Céo*, minha ingrata sempre adorada.

ADÃO & EVA

ORGULHO DE HOMEM

Minha amiga. — Você, que geralmente é tão gentil para commigo, foi, ha dias, cruel com sua irônica explosão. Bem sabe a crise dolorosa da existencia que atravesso, bem sabe o quanto tenho padecido. Entretanto, quando, num grito de desabafo, lhe disse que ninguém havia ainda soffrido tanto assim no mundo, deixou escapar uma gargalhada tão musical quanto impiedosa.

Todos têm essa mania, — explicou depois, — e se admira como uma criatura intelligente póde ainda abrigar illusão tão sediça.

Mas, minha pobre amiga, você ainda não sondou inteiramente os arcanos da alma masculina? Perdôe que o diga, porém se tem gabado indevidamente de conhecer os homens como ninguém.

O orgulho é tão necessário aos corações viris quanto o pão ao corpo. Aquelle que perde inteiramente o sentimento intimo de admiração por si mesmo, torna-se um naufrago moral, creia-me. Esse altivo refugio interior é que nos consola da maldade dos outros, chamando a inveja, e permittindo-nos cobril-a com o desdem do forte em vez de a repellir com o odio do fraco. Esse templo do culto de nós proprios é que nos faz passar incólumes entre muitas tentações, vencendo-as pela nobre convicção de que tal gesto não é digno de nós. E' elle ainda que ás vezes nos torna bondosos para com os outros, na certeza serena da superioridade que nos ergue acima de competições mesquinhas.

O homem precisa crêr em si mesmo, Diva.

Entretanto, ha circumstancias da vida tão particularmente dolorosas e humilhantes, que o castello dessa fé ha-de, por força, oscillar nos seus alicerces; e estes se apoiam nos sentimentos que mais caros nos são. O corpo, vencido pela dôr, soffre o constrangimento supremo da dependencia de tudo e de todos. A alma se acovarda, martyrizada pela incerteza, pela duvida, pela ansiedade. Onde, pois, abrigar o orgulho que sangra e agoniza? Como salval-o da derrocada para que elle depois nos salve e reerga?

Minha amiga, ahi está a chave de um desses mysterios profundos do coração humano: quando tudo falha e quando, miserável entre as mais miseraveis, a criatura não tem mais de que se ufanar, eil-a que se orgulha de sua dôr mesma, anjo rebelde nimbado de audacia lançando seu derradeiro desafio de «supremacia. — "Não ha ninguém mais infeliz do que eu!"

Mas você tem razão. A phrase é ridicula e absurda. Quem é juiz da magoa alheia, para poder comparal-a á sua propria? Nisto, como em tudo mais da vida, a ironia olha, abana a cabeça, e sorri. Não ha porque me envaidecer, nem porque me consolar. Seu riso desfez o exagero da épica illusão; concordo com elle. Minha dôr deve ser tem insignificante e banal, perfeitamente igual a muitas mais que sangram ahi pelo mundo.

Apenas, que mal lhe fazia que eu ingenuamente disputasse, ante meu proprio espirito, o certamen da cruz dos espinhos, não podendo já me enfileirar em nenhum outro? Parece-lhe o premio delle tão desejavel assim?

Você esqueceu a bondade piedosa da mentira, Diva amiga. Seu riso tirou o ultimo consolo, o derradeiro orgulho de quem, si, á luz do bom senso não tem direito de se affirmar o mais desgraçado dos homens, nem assim deixa de ser bem desgraçado.

Mas não lhe quero mal por isso...

Beijo com o mesmo carinho as mãos perfumadas que tantas vezes têm sabido traçar para mim uma palavra de esperança.

E, com fidelidade, o mesmo seu — Mario Augusto.

PERPLEXIDADE DE MULHER

Julia querida. — Que te direi? Como responder com clareza á tua duvida? Tu vieste, «sem o pensar, revolver muitas coisas de meu passado, que o pó do esquecimento voluntário maciamente cobria. Edgard, contas, afasta-se de ti; já não parece ter o mesmo enlevo, a mesma adoração que tão feliz te fazia. E te dá a entender, com uma franqueza bem de homem, dizes, que o aborrece tua simplicidade, e te recrimina porque não te enfeitas nem te vestes como as outras mulheres que elle vê. Vens me pedir conselho, a mim que reputas tão faceira e seductora, tão profundamente feminina.

Ouve, minha amiga, e depois sê tu mesma juiz da perplexidade em que me deixas, pedindo-me que salve teu lar que desmorona. Vou fazer-te tambem uma confidencia. Ignoras que essas continuas viagens de Rodolpho são o meio disfarçado de vivermos separados..., e que do meu lar já não existem sinão ruinas... E agora, queres saber o motivo do desentendimento entre meu marido e eu? Minha vaidade, meu instincto de mulher sempre galante e refinada, sempre cercada de homenagens e comprazendo-me nellas, embora com altivez e dignidade. Elle me queria, affirmava, singela e modesta, sem tantos arrebiques e adornos. Eu não cedi por orgulho; mas, querida Julia, quantas vezes não tenho chorado e amaldiçoado meu caracter, meus modos e gostos! quantas vezes não invejei em silencio tua doçura simples e meiga, pensando commigo mesma: eis uma que fará a felicidade do marido e a sua propria!

Não é um cumulo de ironia da vida tua confissão do outro dia, feita justamente a mim?

Amiga, um espirito superficial poderia, quando muito, concluir que o destino se divertiu baralhando valetes e damas e casando-os de naipes trocados. Seria um erro. Ha nisto tudo algo mais profundo que me parece entrever.

Os homens mesmos talvez não saibam o que desejam, e se desesperem com sinceridade porque a sociedade artificial que crearam faz das mulheres suas primeiras victimas e delles proprios as segundas.

Creio que a idéa de que a certa categoria de homens agrada a mulher modesta e ingênua não passa de um mytho. Todos, todos se deixam seduzir e prender pela graça, pelo brilho, pelo encanto da que sabe sorrir e se enfeitar. Ante o amor todos os homens pensam e sentem igualmente. Mas surge o casamento, e ahi principiam differenças que são antes de tudo desnorteamentos. Com effeito, ao sexo masculino apavora o fantasma da infidelidade da esposa; curioso, mais ainda horroriza a previsão do que a realização do facto. E como elles não têm confiança nas mulheres, o que fazem bem, nem em si proprios, o que é mais triste, preferem garantir-se sentindo que a sua não interessa aos outros. Então escolhem-n'a austera, de moços apagados, ou procuram transformal-a e tornal-a respeitável, desde que lhes pareça attrahente.

Si acertaram na escolha, ou si obtêm a conversão, ficam tranquillos... Uma criatura assim não concentrará attenções nem tentações. Mas ahi está o reverso da medalha: a pobrezinha, não fascinando a ninguém, já não fascina ao proprio marido. E eis este sinceramente infeliz, ansioso, buscando seu ideal, — que é o de todos os outros, — um amante, e desprezando aquella que tão bem apaziguou seu medo de ser enganado!

Miséria humana, querida! Onde a mulher que fosse perfumada e perturbadora a sós com o esposo, sem graça e apagada perante os outros, viva e alegre para seu dono e senhor, sizuda e tristonha aos olhos dos mais? E nem assim ficaria o homem satisfeito, pois seu orgulho não seria lisonjeado perante os amigos.

Ah! Pobres mulheres e... pobres homens!

Sabes? ás vezes fico pensando que o maior cri-

UMA BELLA INICIATIVA D'«O GLOBO»

E' muito sympathica a idéa que *O Globo* teve de lembrar a repatriação dos restos mortaes do brilhante jornalista brasileiro José do Patrocinio Filho, recentemente fallecido em Paris.

Mais do que nenhum outro, o singular escriptor da "Sinistra Aventura" tem direito a essa homenagem posthuma.

Herdeiro do nome glorioso e da intelligencia luminosa de um dos maiores vultos da Abolição, José do Patrocinio Filho não devia ser esquecido pelo nosso povo, n'uma terra estrangeira, onde a sua memoria não poderia jamais ser cultuada com o fervor e a piedade que inspira aos seus compatriotas.

Elle foi bem um representante da nossa raça. Irrequieto e vivo, todo sonhos e vibração, o seu temperamento era essencialmente brasileiro; e o seu espirito, inflammado sempre pelas audacias imprevistas e pela séde das aventuras intelligentes, denotava a vibratilidade tropical, a graça, a superioridade da nossa gente.

Já é do dominio publico que o illustre sr. dr. Octavio Mangabeira, attendendo aos reclamos d'«O Globo», resolveu patrocinar tambem a louvavel iniciativa, dando assim o seu valioso apoio aos promotores daquelle acto de justiça e veneração pela memoria do nosso illustre patricio.

Associando-nos á bella idéa, só temos louvores para o brilhante vespertino carioca, dirigido pelo espirito scintillante de Eurycles de Mattos, e para s. ex., o sr. ministro das Relações Exteriores.

No quarto anniversario da morte de Irineu Marinho, que passou a 21 deste mez, a familia, os discipulos e amigos do grande jornalista foram ao cemiterio de São João Baptista em romaria de saudade ao tumulo do fundador d'«O Globo». A gravura acima fixa um instante dessa commovida homenagem á memoria daquelle que, em vida, tanto soube elevar e honrar a imprensa brasileira. Em nome dos seus companheiros d'«O Globo» falou o nosso confrade Netto Machado.

me do mundo foi o da criatura que lançou o ridiculo sobre o homem enganado. Que rios de lagrimas e de sangue esse gesto não despejou sobre a terra!

Olha: reflecte sobre o que te contei a meu respeito e age como entenderes. Difficil te será evitar estes dois papeis: o de victima desprezada pelo homem e respeitada pelo esposo, e o da criatura amada pelo homem e repudiada pelo esposo. Tua sincera — *Clariese*.

SOB os auspicios da Directoria Geral de Instrucção Publica, que amparou a feliz iniciativa da Sub-Directoria Technica daquelle departamento municipal, foi inaugurada, officialmente, na tarde de 21 deste mez, na Escola José de Alencar, a Exposição Cinematographica Educativa, cujos resultados serão de grande utilidade para a nossa infancia escolar.

LANTERNAS DE PAPEL

A VIDA DOS GRANDES HOMENS

Emerson tinha toda a razão em dizer que um grande homem é o maior dos acontecimentos. Tanto assim que, quando a individualidade é verdadeiramente grande, na guerra, na sciencia, na arte, na politica, nas lettras, no proprio amor, ninguem mais a esquece, como não esquece os grandes factos. Ha o seculo de Pericles como ha o renascimento. Ha o seculo de Luiz XIV como ha o dos descobrimentos. Conta-se o tempo antes ou depois de Christo, antes ou depois de Mahomet, antes ou depois da Revolução franceza, conforme os credos religiosos ou philosophicos.

Depois de haverem interessado seus contemporaneos e, mais ainda, seus posteros com os golpes do seu talento, os arroubos de sua eloquencia, os encantos de sua arte ou o brilho de seus feitos, os grandes homens começam a interessal-os, talvez até mais, pelo lado na verdade humano de sua personalidade quasi divina. E' tempo, então, de surgirem, publicados, as suas cartas e os seus diarios, as suas intimidades e as suas paixões, as suas fraquezas e os seus erros. Si existe uma pontinha de aventura ou romance na vida dum desses semideuses, o publico devora-a, sôfrego, como um manjar celeste.

E' velho o vêso, porque profundamente humano. Os latinos já se deliciavam com essas coisas intimas. Acolheram, os espiritos cultos de Marco Aurelio escriptos as Ponticas de Ovidio, que são um diario em versos de saudades e queixumes, os fortes pensamentos de Marco Aurelio escriptos nas vigilias dos acampamentos da Illyria e da Dacia, e as epistolas de Plinio o Moço. Mais tarde, os christãos haveriam de buscar, nas epistolas de São Paulo, o que nellas reçuma de intimo, de pessoal, e de deliciar-se com as Confissões de Santo Agostinho. Na litteratura agiographica, nada que mais encante do que as missivas de São Jeronymo a Paulo e as memorias de Santa Thereza de Jesus.

Diarios, correspondencia, confissões, notas pessoaes, memorias, autobiographias dos grandes individuos, sobretudo dos grandes espiritos litterarios, de Rousseau ou Goethe, Chatterton ou Montalambert, Flaubert ou Anatole, Macaulay ou Byron, Balzac ou Rimbaud, Rivarol ou François Villon, Tolstoi ou Baudelaire, têm o feliz condão de attrahir as almas, de penetrar nos corações, de despertar os sentimentos, de avivar a curiosidade. E' a parte humana dessas grandes existencias, parece, porém a parte romantica, tanto a gente se acostumára a vel-as através do prisma convencional de seus actos publicos. E' a vida e a vida é o maior dos romances.

CLAUDIO FRANÇA

OS NOSSOS POETAS

RENATO Travassos é um poeta que tem o seu logar assignalado em nossa moderna geração. Artista, no sentido da fórma apurada, emotivo, espontaneo, Renato Travassos é uma intelligencia infatigavel. E a Prova são os seus sonetos, que, em séries seguidas, o poeta nos dá, todos os annos, como as rosas de Julio Dantas, sob o titulo singelo de «Cantilena». Renato Travassos depurou a sua obra; e, agora, nos offerece mais uma serie de sonetos, que intitulou «Poesias escolhidas».

* * *

RAUL Deveza, o laureado pintor brasileiro que é um dos expositores do actual «Salão» da nossa Escola Nacional de Bellas Artes.

* * *

O sr. Delmo Aragão, num notavel trabalho do pintor Raul Deveza, em exposição na Escola de Bellas Artes.

FESTEJANDO, sabbado ultimo, o anniversario de sua fundação, o Club Germania abriu os seus salões para um baile, que teve grande brilho mundano.

* * *

FILIGRANAS

Amor é tudo na vida. Força. Consolação. Riqueza. Alegria. Amor é tudo na vida. Fraqueza. Desespero. Miseria. Tristeza. E, quando para o homem o amor morre, a vida, póde-se dizer, acabou.

Sem amor, a existencia é escura e parece um caminho subterraneo sem fim. A maior de todas as infelicidades da velhice é a morte do amor.

O grande Ercilla tinha com effeito inteira razão ao exclamar:

Que cosa puede haber sin amor buena?
Que verso sin amor dará contento?
Donde jamás se ha visto rica vena
que no tenga de amor el nocimiento?...

TREPAÇÕES

MADAME sempre teve grande enthusiasmo pela farda, mas, o destino fêl-a companheira de um abastado negociante, de nome obscuro, porém, o que é pratico, de haveres fartos.

AMENÔA e Americo, filhos do deputado Americo Peixoto.

Toilettes em quantidade no cabide, joias, dinheiro na bolsa, tudo, menos carinhos...., pois o marido só pensa na multiplicação do capital, nos negocios, nos titulos, nos juros.

Era de suppôr que *madame* estivesse conformada com a sorte que Deus lhe deu, depois de dez annos de casada, de pacata convivencia com o abastado collecionador de cifras.

Mas... *não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe* — diz o aphorismo popular.

Madame reviveu o antigo enthusiasmo pela farda, desde que esteve em uma festa militar.

Trabalhada pela impressão, deu-lhe azas e não perdeu mais de vista o official insinuante, de bello porte e maneiras gentis.

Elle, orgulhoso da conquista, não soube guardal-a em segredo.

Já apparecem em publico, já são vistos no cinema e... era uma vez *uma dona honesta*...

O nosso amigo, certa vez, foi chamado á ordem pela formosa senhorita de olhos côr de ouro e cabellos de sêda negra. Queixou-se ella de que o rapaz fôra injusto no julgamento do espirito de suas vizinhas e amigas: elle as julgára mediocres.

O moço desculpou-se como poude. Mas, no intimo, ficou insultado com a attitude da linda morena...

E disse comsigo: "Ora, não tem importancia! Ella tambem é mediocre!"

Tantas, porém, foram as pessoas a affirmarem a superioridade da franzina morena, e dizel-a intelligente, formosa, etc. que o rapaz, passado mais de um anno, resolveu observar de perto a creatura louvada.

Elle teve ensejo de admiral-a, n'uma dessas tarde de sol. Viu-a, mirou-a com reserva, e ficou maravilhado.

— Realmente — disse elle — nunca suppuz que a senhorita X... fosse tão linda.

— E intelligente — accrescentou alguem.

O rapaz está encantado. Espera, apenas, uma apresentação. Mas o diabo é que ella é noiva e elle já é... "marié..."

A vida tem caprichos...

O rapaz mineiro estava enamorado pela garótinha paulista, sonhando certamente poder viver breve num bello palacio da Paulicéa, com a vantagem de largos repousos na sua futura fazenda de café, lá pela zona da Mogyana. Ella correspondia francamente á sympathia do rapaz, e tudo corria bem, quando uma pequena nuvem veiu desfazer o quasi compromisso de uma proxima união para a vida e para a morte.

Agora, já o rapaz perdeu de todo a esperança de ser fazendeiro *paulista*, pois a pequena declarou guerra aos mineiros...

Elle não chegou a comprehender o que isto queria dizer, e tentou por vezes uma amavel reconciliação.

Ella, porém, foi implacavel, e negou entrar em explicações maiores.

E, muito embora não querendo entender o que tinha um caso de amôr com questão politica, o certo é que o rapaz mineiro não logrará reconquistar o coração da paulistinha de olhos negros, olhos abysmaes.

Urucubaca, da mindinha...

MADEMOISELLE não gostou que o escriptor — o seu "caso serio" — cercasse aquella senhorita alourada, de vestido côr de rosa, que estava na bella festa de arte. Notou que elle estava sendo excessivo nas suas amabilidades. Para vingar-se delle, não trepidou em arranjar um *flirt* ali mesmo no salão, com um certo cavalheiro barrigudo.

A coisa ia muito bem. Mas, a paginas tantas, a esposa do cavalheiro barrigudo tudo descobriu. Não teve duvidas: aproximou-se delle e da joven e obrigou-o a uma apresentação.

A moça perdeu a linha. O escriptor, tendo percebido o que se passára, não mais voltou para o lado d'ella. Continuou com a joven de vestido côr de rosa.

De modo que ella, a despeitada, só teve uma sahida: retirou-se por onde entrára.... com o escriptor...

O galante Frederico, filhinho do dr. J. Pinheiro B. de Menezes e de sua exma. esposa, d. Rosa Bezerra de Menezes, commemorará, amanhã, a sua data natalicia. E vae commemoral-a festivamente, pois seus desvelados paes abrirão, amanhã, os salões do palacete de sua residencia, á rua Conde de Bomfim, para uma fina recepção em honra do querido anniversariante.

LADRÃO ESPIRITUOSO

Ha pouco tempo, um casal recebeu, pelo correio, duas cadeiras para um theatro de primeira ordem, acompanhadas de um bilhete que dizia: "E' um amigo que as envia. Adivinhem..."

O casal foi ao theatro, e, ao voltar á casa, encontraram-a inteiramente revolvida e despojada de todos os objectos de valor. E mais uma folha de papel com as seguintes palavras: "Agora, já o sabem..."

Não tem espirito esse ladrão?...

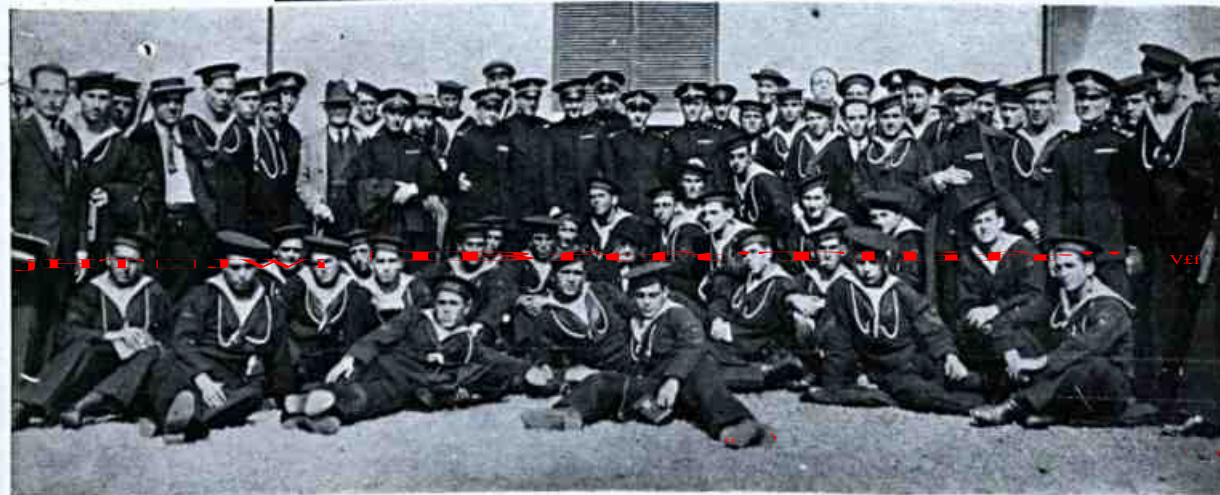
O cruzador «Trento», deixando o porto desta capital, foi ancorar no de Santos, onde permaneceu alguns dias. Ali, a tripulação da bellonave italiana recebeu varias e expressivas homenagens, por parte de seus compatriotas e da população paulista. As photographias desta pagina mostram a officialidade e a maruja do «Trento» em S. Paulo, e o grande vaso de guerra atracado ao porto de Santos.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

MULHER ha de ser sempre o que foi e o que é: — um inferno vivo para os homens de bôa vontade, os pobres diabos, bons, burros ou imbecis, que ainda cahem na patetice de crêr na coisa menos crivel da vida — o amôr das filhas de Eva.

Porque a mulher que amamos começa por ser uma figura, um objecto, um ente — como queiram — irreal, feitiço, illusorio, creado, idealizado, inventado pela nossa imaginação exaltada, sempre propensa, por vicio originario de coup d'oeil, a tomar a nuvem por Juno.

•

D'AHI, por motivo desse defeito de visualidade, dessa illusão de optica... do coração, sempre acabarem desastradamente quantos se mettem a exercicios de alta aviação, ou rasteiras experiencias de simples avoação, com esses apparelhozinhos sem motor, (quer dizer: sem cabeça, ou sem coração) que são as mulheres.

•

NÃO digo isso pelo gosto de fazer blague ou falar mal das mulheres — eu que, realmente, desejaria que ellas cada vez mais se tornassem levianas, inconsequentes, doidinhas varridas.

Só os idiotas, os cretinos não sabem comprehender o encanto, o gozo que é uma mulher ás direitas, de verdade, la femme nue até na alma.

Uma mulher, colhida em flagrante de pura feminilidade — espiritualmente fallando, bem entendido — é uma coisa curiosa e divertida ó bessa. E' um ser exotico, interessante, que bem raros homens, por desgraça nossa, têm olho para vêr, intelligencia

O dr. Alvaro Bezerra de Cerqueira, que foi um dos delegados da Bahia ao recente Congresso Odontologico realizado nesta capital, ao lado de sua exma. esposa.

(Photo De los Rios)

para comprehender e cultura psychologica sufficiente para poder apreciar e admirar.

•

NÃO quero me referir, assim fallando, á mulher boneca de salão, no seu papel de ornamento da sociedade, a viver e a respirar no estreito ambiente convencional da vida. Porque, ahi ella é tambem toda convencional: linda flôr de estufa, que não deve nem póde ser cheirada e examinada muito de perto.

•

MELINDROSA é a minha femme nue, a mulher a mim revelada em plena nudez de alma e de coração, a mulher que não me illudirá mais nunca, porque tudo que havia de artificial, de superfetação, de enchimento nessa linda bonequinha, que vive a cirandar pela cidade, tudo, minha gente, eu cheguei a conhecer através do coup d'oeil, seguro, certo, infallivel, com que, para meu gozo intimo, tentei obter, na sua verdadeira e difficilima realidade, o flagrante de uma alma de mulher.

•

CUSTEI, mas venci. Porque quem pensar que isso é facil está muito enganado. E' tão difficil como se invocar e photographar uma alma do outro mundo, que nos apparecesse materializada.

Calcule-se, agora, o trabalho inverso: desmaterializar uma mulher, como Melindre, para colher sua alma em flagrante, nuazinha como um bébé quando vem a este mundo!

E' o que explicarei depois, mostrando o que é Melindre, o que são, em geral, as mulheres, vistas através da sua verdadeira realidade — a realidade que faz o encanto da sua eterna mentira. Por que toda mulher é, antes de tudo, uma linda mentira...

ESAU' & JACOB.

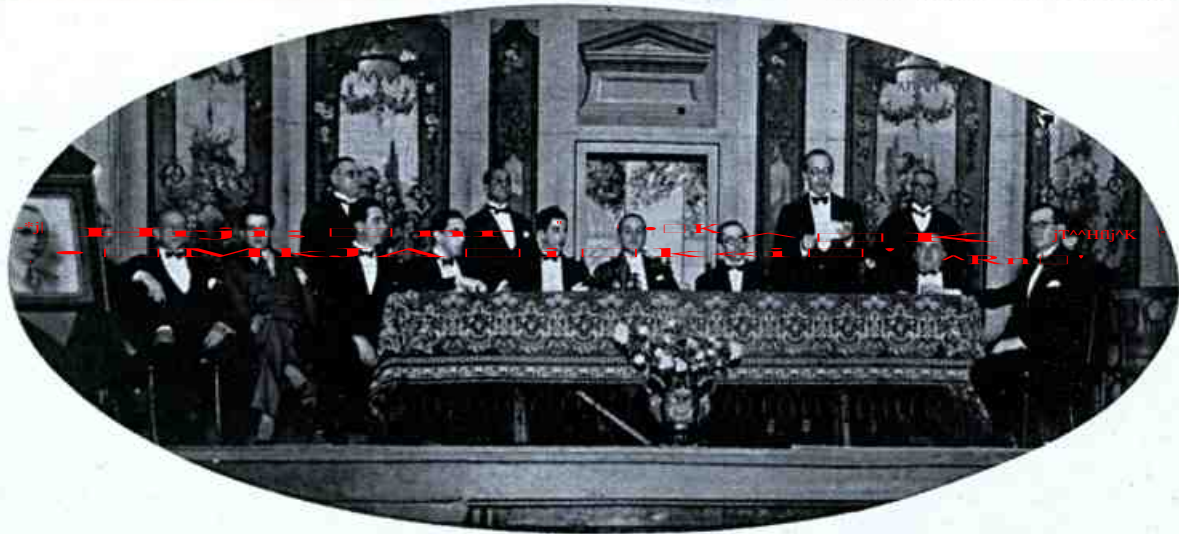
do-se de pedras preciosas avaliadas em cerca de duzentos mil dollares.

Dizem que esse assalto, á luz do dia, causou espanto em Nova York, e logo o telegrapho se encarregou de espalhar a noticia do mais audacioso furto do mundo...

Pelo que se vê, bandidos, assaltando em pleno dia, pilhando joias de casas situadas no coração da grande metropole norte-americana, constitue tambem um esplendido motivo de reclame da maior cidade do mundo...

E a nossa policia, escondendo á reportagem dos jornaes os nossos assaltos *mirins*, pensa contribuir para o decôro do nome do Rio, que tambem, pela belleza, é a maior cidade do mundo!

* * *

O eminente radiologista patricio dr. Carlos Osborne, entre medicos e estudantes de medicina, após uma aula do seu curso de radiologia pratica, na Casa de Saude S. Sebastião.

A Casa dos Artistas commemorou, com uma solennidade artistico-dançante, que se realizou sabbado á noite, nos salões do Club Gymnastico Portuguez, o 11.º anniversario de sua fundação.

* * *

REOLANES...

Cinco individuos, elegantemente vestidos, desceram de luxuoso automovel, penetrando no *Manhoussin*, salão exclusivo de joias do Park Avenue, de Nova York.

Uma vez no interior do salão, amordaçaram o gerente, tres empregados e um visitante, apoderan-

* * *

A primeira directoria do Sanatorio São Lourenço, composta dos drs. Severino de Souza Brandão, Augusto C. Carvalho Vidigal, Luiz de Azevedo Branco e Joaquim Collares da Rocha. A assembléa geral que a elegeu foi presidida pelo dr. A. Lopes da Cruz e secretariada pelo dr. Paulo Leroux.

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Por uma captivante gentileza dos srs. Soria & Buffoni, da Livraria Odeon, á avenida Rio Branco, numero 157, que sempre têm á venda os mais importantes «magazines» do mundo (literarios, scientificos, artisticos, cinematographicos, sportivos, etc.), recebemos alguns dos ultimos numeros das seguintes revistas: «Vogue» e «Harper's Bazar», de Nova York; «L'Illustration», «Femina», «La Jolie Parisienne», «VU», «Cinémonde» e «Paris Music - Hall», de Paris, e «Caras y Caretas», de Buenos Aires.

FORTALEZA DE HOJE

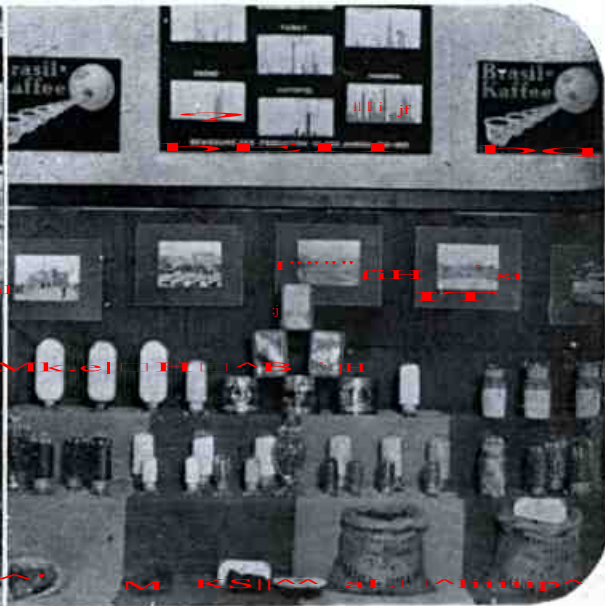
VISTO do Passeio Publico, o novo e luxuoso predio do Palace Hotel, um dos melhores do Norte [illegible] o melhor, dirigido pelo activo cearense Efrem Gondim.

FILIGRANAS

Conheço um cavalheiro que diariamente percorre as livrarias e nellas remexe as exposições de livros novos. Compra muitos. Pelos annos que o vejo nesse grave mistér, si os não revende, deve ter já uma bibliotheca formidavel. Todavia até hoje se esperam arrhas de seu convivio com esses amigos silenciosos, mas utilissimos. E, nada, nada, nada.

Dizem-me até que sua conversa é a mais chilra deste mundo

Então?

Então, é que elle, como diria Quevedo, «no es erudito, porem sepulturero... »

O BRASIL NA FEIRA DE GRAZ, NA AUSTRIA

GRAÇAS aos esforços conjugados dos nossos consul e addido commercial em Vienna, srs. Saboia Lima e Edgard de Mello, o Brasil poude tomar parte na Feira de Graz, na Austria. Essa bella iniciativa foi coroada do maior exito.

Milhares de pessoas percorreram o Pavilhão do Brasil, vendo numerosos artigos alli expostos e recebendo, em seguida, folhetos com os ultimos algarismos relativos ao nosso desenvolvimento economico. As photographias que aqui publicamos são apenas dois aspectos do nosso Pavilhão nessa concorridissima feira austríaca.

ESTA é a «Cama salva-vidas Universal», invenção do sr. Camillo Cristaldi, e destinada ao salvamento dos naufragos no mar. E' construida em madeira nacional e revestida de uma sola vegetal impermeavel, que protege os seus utilizadores do contacto da agua.

SECULO XX...

BENEVOLENCIA TROPICAL

De vez em quando, jornalistas sensatos, observadores e amigos da nossa terra, escrevem artigos, commentando a facilidade com que se commettem crimes contra a vida, nesta grande capital que é a nossa Rio de Janeiro.

De facto, para uma população que, officialmente, ainda não chegou aos dois milhões, a porcentagem desses crimes é simplesmente vergonhosa, terrificante, indigna para uma população civilizada.

Qual a causa de semelhante desamor pela vida do proximo, em uma cidade de gente culta, religiosa, polidada — cidade que não é situada nos sertões da Negricia, nem nos domínios dos Papuas?

A falta de policiamento — dizem uns; a condescendencia dos tribunaes de jury — dizem outros; a venda facil de armas; a influencia dos films; as noticias espalhafatosas dos jornaes, etc., etc.

Tudo isso é verdade, mas... ha ainda muita cousa a contribuir para essa serie de crimes.

Em matéria de benevolencia e ternura para com os delinquentes, o brasileiro bate o record mundial.

As nossas leis, os nossos jurados, os nossos jornaes, o nosso povo, tudo, emfim, está saturado por essa especie de ternura mórbida, que, segundo me parece, só poderá ser encontrada sob os 22 gráos de latitude sul!

Quando um typo qualquer, sedento de sangue e de popularidade, commette um crime, assassina uma fraca mulher, amante, noiva, conjuge; quando, para igualar-se aos "heróes" das fitas de cinema, enfrenta, mata e fere policiaes que cumprem o seu dever, no dia seguinte os jornaes mais acatados da cidade abrem columnas, contam, pormenorizam, esmiuçam e muitos delles chegam a dar verdadeiras injuncções na opinião publica, que, as mais das vezes, toma o partido do criminoso e por pouco não o endeosa!

Dessa massa popular, que é suggestionada pelos jornaes no dia seguinte ao crime, futuramente serão tirados os juizes de facto, os jurados que julgarão o criminoso.

A dirimente da privação de sentidos e da intelligencia, a defesa propria e outras tantas portas abertas do nosso Codigo, são verdadeiras esperanças que o criminoso tem, de voltar ao seio da sociedade, mal seja acabada a sessão do jury a que responder.

"O brasileiro é um povo bom" — foi o que me disse um estrangeiro, certa vez.

Esse conceito é muito honroso para nós, mas eu creio que não desmereceriamos delle se o fossemos um pouco menos do que somos.

Em qualquer parte da Europa e em muitos paizes das Americas, todo o policial tem comsigo um par de algemas, ou "menottes", com o qual, no momento de effectuar a prisão de um individuo, o torna incapaz de resistencia, garantindo a vida do policial que o detem.

Aqui, não; o policial não tem o direito de, prendendo um cidadão, examinal-o para verificar si elle está ou não armado!

Si o fizer, a turba que o cerca gritará: Não póde!

O criminoso não soffrerá a collocação de algemas e, si quizer esbordoar o seu detentor, terá livres braços e pernas. Muitos policiaes têm sido victimas de ferimentos e alguns hão pago, com a vida, esse respeito que as nossas leis têm para com a cidadania de um delinquente qualquer.

FERREIRA dos Santos, poeta pernambucano, que acaba de publicar um bello poema de rythmos novos: «Suavidade». Foi esse um titulo feliz, pois tudo no seu livro é doce e manso como um lento entardecer, em que as coisas se subtilizam e se velam de uma serenidade espiritual. «Suavidade» é feito de uma arte fina e elegante.

Depois de commetter um crime contra a vida ou contra a propriedade, aqui, na nossa terra, um sujeito qualquer não é ainda considerado fóra da lei.

Tem o direito de ir livre, ao lado do seu conductor, a caminho de uma delegacia, ás vezes situada a alguns kilometros de distancia, podendo, si quizer, aggredir, ferir, matar o policial que o prendeu.

Revistar na via publica a um individuo que se suppõe estar armado é um perigo a que um policial não se submette, a menos que não esteja a cidade sob a acção do estado de sitio.

Ha pouco tempo, viajando em um omnibus repleto de passageiros, vimos, a um solavanco mais forte do carro, cahir do bolso de um moço uma pistola. Serenamente, o moço baixou-se e, risonho, guardou outra vez, no mesmo bolso, a arma.

Ese senhor não era, positivamente, um cafageste da Favella ou do morro da Mangueira. Não; elle viajava em um omnibus das Laranjeiras, trazia polainas, unhas polidas e barbinha judaica...

Comprehende-se que um policial não poderá arrancar, das mãos ou do bolso de um rapaz dessa laia, a pistola com a qual elle amanhã ou depois tirará a vida da namorada ou da noiva.

Como esse moço, que, segundo a apparencia, deve pertencer á élite carioca, ha muitos.

Imagine-se agora como andarão os valentes da Saude, da Favella, do morro de S. Carlos, etc.

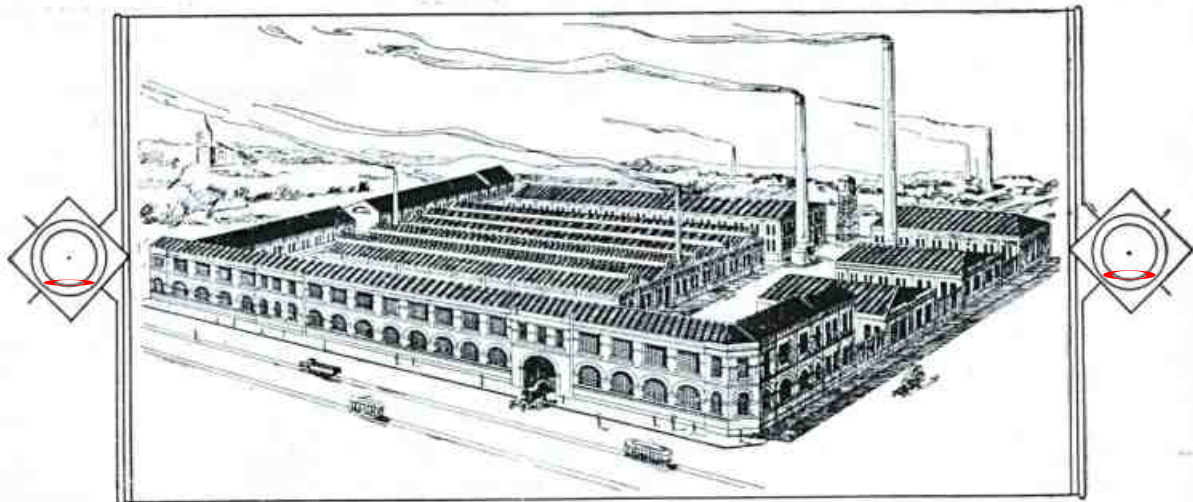
E' necessario acabar com o abuso do porte de armas; é preciso que seja dada ao agente da autoridade a força que os policemens da Inglaterra têm; é indispensavel uma lei de controle sobre a venda de armas e munições na cidade; é necessaria a censura sobre a publicidade de pormenores romantizados de crimes pelos jornaes; é preciso que o Tribunal do Jury feche nas prisões os romanticos assassinos de mulheres e as megéras que matam os maridos.

Si não forem tomadas providencias sérias, em breve tempo o Rio será a cidade dos assassinatos, dos suicidios, do sangue e do morticinio.

E' necessario que a policia faça percorrer por turmas, frequentemente, os botequins escusos, o basfond carioca, prender e processar os portadores de armas; é necessario que os commandos dos corpos militares procurem fazer desarmar, nas ruas, os soldados que conduzam armas prohibidas, punindo-os por essa contravenção.

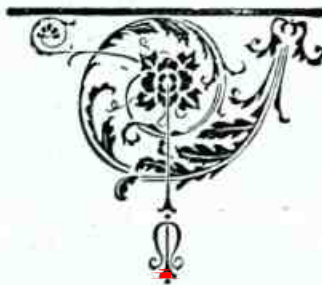
Não se deverá esquecer de processar os meninos "filhinhos" de papaes bem collocados que deixam cahir, nos logares publicos, armas, embora rendilhadas e trabalhadas com lavores de prata e madreperola.

E ás pessoas de bem, aos verdadeiros amigos do bom nome da nossa terra, concitamos a refreiar dentro do coração os impetos dessa ternura tropical que nos impelle a abrir subscripções para criminosos e levam assistencia e solidariedade moral aos assassinos quando elles se sentam defronte dos seus julgadores, porque isso, que fazemos impensadamente, é incentivar a idéa do crime nos cerebros fracos; é uma especie de cumplicidade no delicto futuro do criminoso indeciso; é, portanto, um gesto que prejudica a toda a sociedade, prejudicando a nossa terra, que não deve desmentir os seus fóros de civilizada, mas, cada vez mais, procurar consolidal-os.

ASTAROTH.

Vista geral da fabrica Ramenzoni.

AS NOSSAS INDUSTRIAS

SÃO taes os surtos de progresso da nossa urbe e conseguintemente da nossa industria e seu valioso desenvolvimento em todo nosso paiz, que, nos apraz louvar, embora em breves linhas o denodado esforço do nosso commercio ampliando seu campo de actividade, de accôrdo com o progresso do nosso meio.

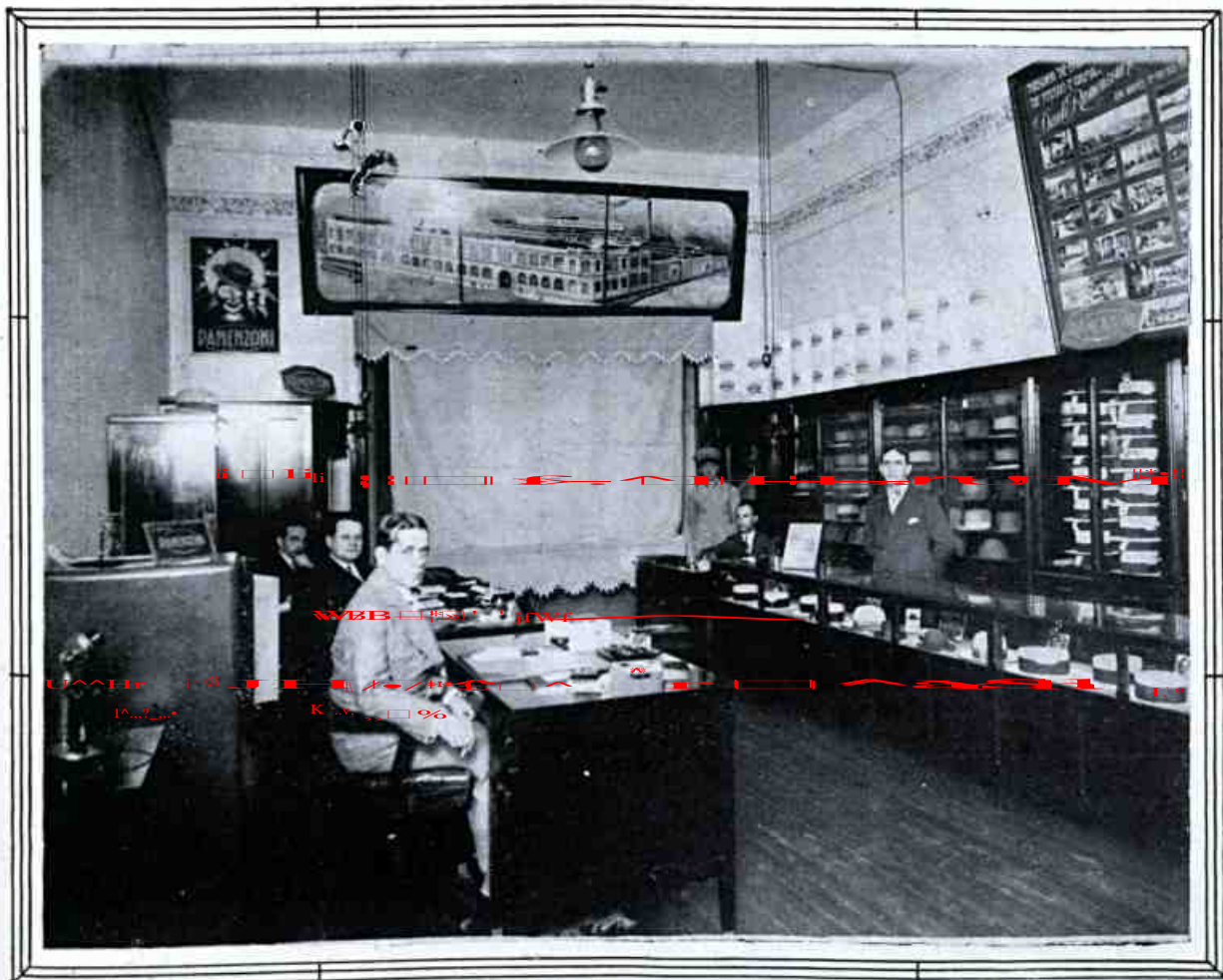
Assim é, que vamos nos referir á installação, n'esta capital, da firma J. M. Silva & Cia., composta de nossos prezados amigos, Snrs. José Moreira da Silva e Arminda José de Oliveira, conceituados commerciantes, que contam n'esta praça numeroso circulo de relações. Com escriptorio confortavelmente installado á Avenida Rio Branco 109, Sala 33, a referida firma tem representação exclusiva n'esta capital e em todo o Norte brasileiro, dos afamados chapéos "Ramenzoni", de São Paulo, os mais preferidos pelo nosso mundo "chic" e elegante.

Ahi tivemos a melhor impressão, quer pelo gentilismo e acolhimento dispensados pelos dignos socios da firma, quer pelo gosto, conforto e magnifica disposição dos moveis e armações; tudo de accordo e absoluta harmonia com as necessidades do commercio moderno. Devidamente apparelhado para desempenhar sua nobre missão os illustres e esforçados commerciantes podem satisfazer a contento, com presteza e segurança as acquisições feitas pela sua numerosa freguezia dos maiores "stocks" da mais conhecida e reputada marca de chapéos "SOLIS", o mais fino chapéo de feltro.

Torna-se escusado apreciarmos a superioridade, elegancia

e durabilidade do chapéo "SOLIS", de "Ramenzoni", porque a referida marca se impõe ao distincto publico em geral, sendo essa preferencia bastante apreciavel na competição que faz á producção estrangeira, na elegancia e apuro em todos os seus detalhes, honrando vantajosamente a nossa industria, compensando por sua vez o capricho da sua fabricação.

A Fabrica Ramenzoni, de Dante Ramenzoni & Cia. Limitada, de São Paulo, a maior e podemos affirmar, a mais bem montadas do nosso paiz em artigos de chapéos finos de feltro e palha, funcciona ha longos annos em ascendente progressão de actividade, conquistando sempre resultados magnificos.

Com um capital realizado de 10.000.000$000, a Fabrica Ramenzoni está produzindo diariamente 3.000 chapéos, empregando a melhor materia prima, esmerando-se escrupulosamente na sua producção.

Agradecendo as gentilezas que nos foram dispensadas pela firma J. M. Silva & Cia., fazemos sinceros votos de inteira felicidade pelo desenvolvimento da sua representação e prosperidade do seu negocio.

Interior do escriptorio, no Rio, de J. M. Silva & Cia.

EM PLENO DIA

(Conclusão)

suspiro, essas quinquilharias de rei negro ou de saltimbanco? Não! E' de gritar de dôr!

Na verdade, ella já não é muito impressionavel, essa boa Fanny! Quando se rola ha quinze annos nos theatros, e se está reduzida a supportar as homenagens de um Salomon Cerf, fica-se couraçada contra muitas sensações, não é mesmo? Porém, o contraste entre a deliciosa manhã de abril e o fantasma carregado de europeis, que Fanny divisa no espelho, é demasiadamente cruel. Pela primeira vez em sua vida sente uma vaga vergonha de sua pessoa e de sua profissão. Será possivel?! Ella envelheceu e murchou tanto assim na poeira dos bastidores. E dahi a pouco, máu grado a belleza do sol, será preciso que ella desça em scena, nessa adéga illuminada, que recomece suas caretas fingindo uns sentimentos complicados e falando uma linguagem literaria, mais ou menos incomprehensivel para ella; que exerça, emfim, suas funcções de macaco e papagaio? E a primavera? Ah! sim! Como se isso ainda existisse em sua vida!

Num sonho amargo, eil-a arrastada para os dias do passado. Vê-se ainda em casa do pae, um encadernador modesto, quando a mãe a levava ao Conservatorio. Havia um rapazinho loiro, vizinho de andar, que não lhe desagradava e de quem ella se sabia amada. Era empregado de um ministerio, e, si Fanny houvesse querido renunciar ao theatro, elle a teria desposado com alegria. O pae não ignorava isso e parecia desejal-o. Mas a mãe era ambiciosa e o professor Regnier lhe garantira o primeiro premio de comedia. Si, entretanto, ella tivesse querido renunciar aos estudos, seria a mulher de um bravo chefe de repartição, e naquelle dia, lindo de sol, passearia pelo braço do marido como certo casal que, dali onde estava, via entrar no Luxemburgo, precedido por dois pequenos collegiaes. Mas, tanto peor! Está condemnada para sempre á sua vida falsa e artificial. Além de que, nem mesmo a certeza de renovar seu contracto ella tem, e Salomon Cerf — é elle seu decimo ou decimo segundo amante? Já nem se lembra mais! — Salomon Cerf não é nem generoso nem seguro. Que futuro sombrio! Talvez lhe seja preciso — breve, quem sabe? — representar nas "tournées" de provincia, envelhecer assim, acceitar um dia papeis de senhora idosa?

Nesse momento, o velho comico Bonamy, que vae representar de Dubois nas "Falsas Confidencias" e tem, na verdade, sob suas vestes de marquez, o ar de um cachorro sabio sobre um orgão, entra no "foyer", olha-se, por sua vez, no espelho, e diz á companheira, com o modo cynico dos cabotinos:

— Minha querida Fanny, és sempre linda como os amores... Mas, não tem que vêr, nós não ficamos bonitos nem em pleno dia.

Ah! A pobre actriz bem vontade tem de chorar. Mas a voz do ensaiador rebôa pelos corredores: "Primeiro acto... está começando!" E Fanny é forçada a conter as lagrimas por causa do "maquillage"...

FILIGRANAS

A tarde cáe. Os insectos noctivagos começam a ciciar na matta. Um a um os véos cinzas da noite se vão desdobrando pelo céo afóra. O caminho é uma fita de sêda branca que se retorce pelo meio da vegetação escura. E no poente ha uma franja de purpura real.

Uma voz vem de qualquer parte, leve e triste no crepusculo triste e leve:

Connais-tu le pays où
fleurit l'oranger?
Le pays des fruits d'or et
des roses vermeilles?

E eu penso que o conheço no fresco perfume do teu corpo, no oiro dos teus cabellos e nas rubras rosas dos teus labios...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Quando passas, D. Graça,
Deslumbrante, á luz do sól,
Fluctua no ar, esvoaça,
O perfume que não passa,
Do sabonete **EUCALOL.**

Hermenegildo Chaves.

Rev. Cidade Verde — Bello Horizonte — Av. Brasil 101.

VARINHA DE CONDÃO

ROUPINHAS INFANTIS — Ha muitas mães que capricham em bem trajar seus filhinhos, revivendo com elles o prazer que tinham em vestir e despir suas bonecas nos dias da meninice. Outras, porém, se desinteressam disso e pensam: "São crianças não se importam com essas coisas." Imaginam assim e erram.

Cada vez mais educadores e pensadores insistem em salientar a influencia extraordinaria que têm sobre o resto da existencia as impressões dos primeiros annos de vida. E' acostumando os pequeninos a terem gosto pelos seus fatozinhos que se inculcará nelles o amôr á decencia, o habito de trajar com elegancia e sobriedade que faz distinguir até na pobreza a creatura educada e fina.

E nem se diga que as crianças são indifferentes ao que vestem. Só quem nunca lidou com ellas desconhece o prazer exuberante que demonstram, bem pequeninos ainda, ás vezes, desde os dois annos quando enfiam uma roupinha nova. E têm gosto e predilecções, si me fazem favor! Tal nênê rosadinho, cuja cabeça alcança o joelho da gente, gosta da camisolinha azul, e chora desconsolado quando lh'a querem tirar. E outro embirra com certo capotinho que ninguém o faz vestir de bom grado.

Principalmente nas meninas devem as mães cêdo cultivar o gosto pela hormonia das côres e das linhas, vestindo-as com graça e elegancia, afim de que se tornem mulheres de gosto, e não desageitadas irremediaveis, condemnadas a andarem sempre mal trajadas, embora possam um dia gastar rios de dinheiro.

Em materia de vestes infantis, mais que em nenhuma outra, chic não quer dizer luxo. Depende aquelle antes da escolha de um feitio bonitinho de uma fazenda graciosa e de côres claras, embora barata.

Eis para nossas gentis leitoras dois vestidinhos de meninas na figura 2. A garotinha mais nova traz uma camisola de sarja leve, côr de morangos, com uma pala sobre a qual se adianta a saia em fôrma por meio de umas pontas franzidas em casa de abelhas. Botõesinhos de fantasia de crystal e gola de lingerie branca. A segunda, a das flôres, traja um vestidinho de velludo azul marinho, recto e inteiriço na frente, com a saia em forma dos lados, disfarçada a emenda sob um macho amplo. Golinha e punhos de lingerie crême, gravatinha de velludo azul-preto.

Fig. 1 Fig. 2

Entretanto acharão talvez as mamães economicas e previdentes, que já não é mais tempo de cuidar de roupinhas de mangas compridas?... Pois então vejam si melhor lhes agrada os vestidinhos da figura 1. A menina que pula a corda tem uma graciosa camisolinha de voile rosa pallido entrelaçado de fitas

e ornado de viezes azul *natier*. Dois fundos machos, presos até á cintura dão largura ao saiote. A mais velhinha, evidentemente uma visita, traz um encantador vestidinho de crêpe da china branco ornado de um bordado grosso em sêdas coloridas fingindo um casaquinho, enfeitando os bolsos e a barra da saia com guirlandas. Nos hombros, vêem-se preguinhas presas por bordados. Um lacinho de fita, na côr dominante do bordado termina na gola.

MESAS ELEGANTES — Cada dia mais se generalisa o costume das mesas elegantes serem arrumadas sem toalha, ostentando o polido luminoso e assetinado das madeiras caras. Sobre estas, artisticamente distribuidos scintillam crystaes e porcellanas, erguem-se custosos centros de mesa, pratos de fructas e cestos com a indispensavel garrafa de velho vinho precioso.

A symetria, obrigando ao infallivel jarro de flores no meio, ha muito foi abandonada. Eis em nossa figura 3 uma curiosa mesa de almoço bem moderna com sua superficie muito negra sustentada por delicados pés de aço. Tambem obedece rigorosamente ao gosto actual seu arranjo singelo e sobrio, tendo como ornamentos unicos o grande prato central de lagostas, um de azeitonas e outro de fructas.

Fig. 3

Já a mesa redonda da gravura 4 está posta segundo a tradição franceza. No meio, uma longa cesta de frutas muito decorativa está pousada sobre um espelho que graciosamente reflecte as cerejas e maçãs.

Entretanto, ás vezes, a toalha é usada, de preferencia de bellissimo linho adamascado e tarjado, outras vezes zebrada de sedosos desenhos antes que bordada ou rendada. Assim na figura 4 a que sustenta um centro de crystal e estanho de grande effeito para a noite, pois é todo ornado de lampadas electricas e póde ser inteiramente illuminado.

LAGOSTAS COM CRÉME — Tomam-se as lagostas de tamanho médio. Cortam-se os membros em pedaços e quebram-se as pinças.

Numa panella faz-se aloirar 80 grammas de manteiga. Ahi se jogam os pedaços das lagostas. Regam-se estes com *champagne* fino. Toca-se fogo. Deixa-se tomar côr movendo os pedaços na caçarola. Acrescentam-se dois calices de vinho branco sêcco. Salga-se, tempera-se. Cobre-se o recipiente e se deixa cozinhar em fogo brando durante um quarto de hora.

Junta-se 200 grammas de créme fresco e se mistura bem. Aquece-se até á primeira fervura e se serve quente.

Póde-se tirar a carne das patas e das pinças antes de acrescentar o créme, e com ella, depois, encher as cascas vazias para ornamentação do prato.

CINDERELA

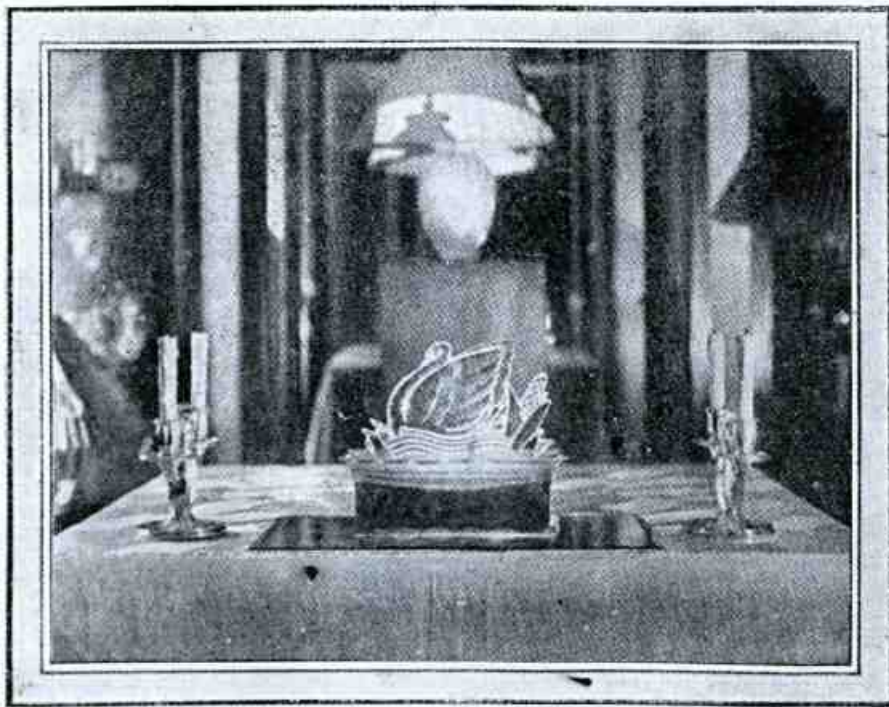
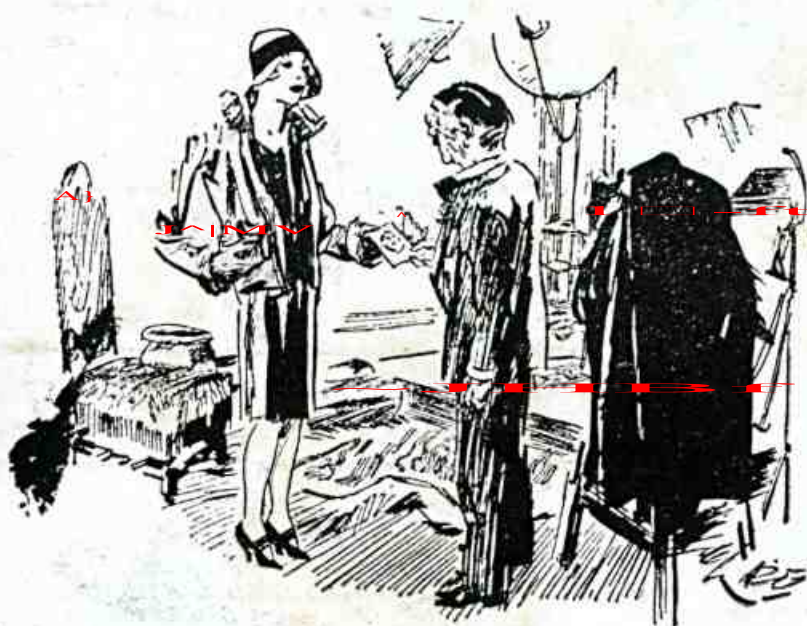



Fig. 4

ESPÍRITO ALHEIO

O photographo. — Em que posso servil-a, madame?
A senhora. — Quero uma ampliação desta photographia. Mas, a bocca deve ficar assim do tamanho que está. Não a amplie...

— E's tão distrahido, que ha quinze dias não me dás um só beijo.
— A quem diabo, então, terei eu beijado todo esse tempo?...

EXAGERO

Eis aqui o que aconteceria si não mentissem os catalogos das sementeiras...

— Não sabes que fumar demais abrevia a vida?
— Meu tio fumou toda sua vida e hoje tem oitenta annos.
— Pois si não fumasse teria cem...

HIERARCHIA

— A senhorita se esquece de que nos separa uma differença de cinco mezes?

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E . . . DETESTAVEL

A BATALHA DA JUTLANDIA

Cinema GLORIA — E' um film de guerra. Urge, porém, dizer que a technica lançou mão de scenas naturaes e algumas preparadas, que dão a esta pellicula uma classificação muito á parte dos films que tem explorado o assumpto da grande guerra. O enredo amoroso, que dá pretexto á acção bellica, que culmina na famosa batalha da Jutlandia, é um pouco banal. Mas não é com elle que o publico se preoccupa. As scenas do grande prelio naval são o "clouw" da fita, e, na verdade, attingem por vezes a grande emoção. Films como este são ou devem ser considerados como films educativos. Depois de assistirmos ao desenrolar das scenas d'esta pellicula somos levados, instinctivamente, a um odio inevtiavel á guerra, á crueldade com que os homens se trucidam em obediencia a um principio falso, que torna o homem lobo do homem.

Cotação — BOM

FREMITO DE AMOR

DA PATHÉ DE MILLE

Cinema IMPERIO — A quem anda n'esta "farandola" dos salões cinematographicos, em que ainda não se apagou a sensação d'um film logo seis nos preoccupam; a quem conhece, pela experiencia, o que valem pelliculas, e por que é que valem; surgirem n'um cartaz os nomes de Rod La Rocque e Lupe Velez, aquelle um astro de ha muito consagrado, esta uma "estrella", que surge em pleno explendor, é obrigar-nos a en

trar com respeito e vêr com attenção. Estamos dando o adeus aos films silenciosos. Agradeçamos a quem nos dá tão bons como este. Dentro da pellicula não ha muita originalidade a descobrir. De Mille não comprehendeu todo o valor feminino de Lupe Velez; mas conhecendo bem, por longa experiencia e que é o que vale Rod La Rocque, utilizou o grande valor interpretractivo do admiravel artista para obter uma impressão inolvidavel. De resto, o film não é para satisfazer absolutamente ao sentimento calmo d'um publico que se quer divertir. Mas sob o ponto de vista directivo e technico, não ha razão para não fazer "chapeau bas" e dizer que elle merece a

Cotação — BOM

PHAROL DE AMOR

Da Fox-Film

Cinema PATHE' — A acção é intensamente dramatica, não obstante as delicadas e humanas scenas de alegria e o final sentimental e romantico. Com estes altos e baixos não consegue prender o coração do publico. O enrado é excessivamente diluido sem consistencia, sem vibração. D'aqui resulta a inferioridade da pellicula no sentido da acção. E, por egual, verdade que so interpretes não conseguiram fugir d'uma manifesta banalidade. O que merece relativos applausos são as enscenações, nomeadamente as desenroladas no pharol, onde encontramos bellos effeitos photographicos. Não se tratasse da Fox. Isto, porém, não salva o film que não passa d'uma craveira vulgar. Tambem não temos o direito de exigir que a Fox nos dê só cousas maravilhosas, ella que este anno se tem imposto pela sua soberba producção.

Cotação — SOFFRIVEL

A BELLA DUQUEZA

Da Tiffany-Stahl (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — Quando chegamos ao final d'esta pellicula, ficamos com uma impressão agradavel. Ha elegancia, distincção, belleza. Mas reflectindo um pouco, temos necessariamente de concluir que o enrado, curioso e interessante, foi muito mal aproveitado. Com uma ou duas scenas mais, de situação imprevistas e emocionantes; com outro desenlace final, que o que tem é muito infantil, teriamos um film silencioso a que se poderia, com justiça, dar a classificação de optimo. E essa superioridade se impunha a juntar-se-lhe a interpretação, na verdade, admiravel, por parte das tres grandes figuras que a criaram. Warner é um actor d'uma requintada sensibilidade, de tão rara distincção, que se justifica a sympathia e admiração que o publico por elle nutre. Só por elle o film da Tiffany merece a

Cotação — BOM

O PESO DA LEI

DA UNITED ARTISTS

Cinema CAPITOLIO — Um drama policial, architetando entre o "bas-fond" da grande metropole. O argumento é interessante e desenvolvido não só com perfeita sequencia, como de molde a prender a attenção do espectador, levando-o de emoção em emoção, até ao final que, como nos antigos dramas de theatro, apresenta o castigo do máo e a glorificação da virtude. E' uma pellicula de qualidades, mas que cousa alguma acrescenta ás glorias da United. A direcção como a interpretação não nos dão nenhum nivel superior, não se destacando por qualquer originalidade. Comtudo, não seria justo recusar-lhe applausos, considerando-a na verdade uma bôa pellicula para platéas populares.

Cotação — BOM

:: Um Cadete das Arabias ::

VOU referir-me a factos decorridos ha mais de 40 annos, anteriores á proclamação da Republica.

Alvaro Mendonça Feitosa era um rapaz muito troçista do Rio antigo.

Cursando a extincta e velha Escola da Praia Vermelha, a despeito do rigor excessivo da disciplina, zombava dos proprios lentes, aos quaes não temia.

Talentoso e podendo ser o primeiro de sua turma, enfileirava-se, entretanto, entre os mais mediocres.

Era dos ultimos alumnos em quasi todas as materias do curso preparatorio, porque não estudava.

Alcançava alguns gráos altos quando lhe era bastante a explicação dos lentes para resolver as questões das sabbatinas, pois não abria um livro de estudo.

Tambem não collava!..

Obrigado a assistir ás aulas para não ser desligado da Escola, resignava-se a prestar attenção ás explicações dos professores, o que lhe evitava tambem dormir.

Como sempre, aproveitava alguma cousa, nunca tirava gráo zéro nas provas.

Não era, todavia, um ocioso. Desdenhava o estudo da mathematica, entregava-se com afan ao da literatura.

Lia os grandes escriptores e poetas e cultivava igualmente o verso e a prosa.

Publicava trabalhos primorosos nas revistas e jornaes do Rio e de algumas Provincias do Brasil.

Na Escola Militar chamavam de "bichos" os alumnos novatos, os quaes, durante o primeiro anno do curso, levavam trotes dos mais antigos, os veteranos.

Rememorando a sua vida academica, devo dizer que foi elle um "bicho" que não levou trote.

Por que?

Porque consistindo o trote, em geral, em dirigir pilherias aos noveis alumnos com o fim de encafifal-os, os veteranos encontravam em Alvaro Feitosa um grande competidor no jogo de espirito.

A graça espontanea das respostas promptas que dava fazia rir aos mais sisudos, que desistiam do proposito de troçal-o.

Tambem fazia recuar os mais audazes que insistiam no *trote*.

Como reza um ditado, iam buscar lã e sahiam tosquiados.... Por isso foi logo elevado á categoria de veterano honorario.

A disciplina era rigorosissima e havia prohibição terminante de sahida dos alumnos.

Os "bichos", decorrido certo tempo da matricula, num sabbado, não se conformando com a ordem, procuraram o official de Estado, que lhes informaram ser um joven que passeava num dos corredores de espada á cinta e pediram licença para sahir.

O official dispensou a todos até o dia seguinte.

Por occasião da revista do recolher, não havia

CREANÇAS, SYPHILIS
PEREBAS
RACHITISMO
?
LACTARGYL
VIDRO — 6$000
LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

BUCTOL
ATTENUA RAPIDAMENTE A DOR
SUPRIME AS COMPLICAÇÕES GRAVES
ANTIBLENNORRHAGICO
ANTIGONOCOCCICO PODEROSO
10 a 12 capsulas por dia
(Venda em todas Pharmacias)
André PAUL, 4, Rue de La Motte-Picquet. Paris.

ANEMIA
DEBILIDADE CONVALESCENÇA
os medicos os mais eminentes receitam
o VINHO e o XAROPE DESCHIENS
de Hemoglobina
PARIS

um só "bicho" nos alojamentos.

Estavam todos na rua. O alumno Alvaro Mendonça apossára-se da espada do official de Estado, que fazia uma soneca no estado-maior e, fingindo-se de autoridade, pôz toda a tropa de "bichos" na rua.

O official de serviço, fiel cumpridor de ordens não tinha dispensado ninguem.

Certa vez, um professor chamou á pedra o nosso herói e arguio sobre as licções passadas.

Estava crú o Mendonça; a nenhuma pergunta respondia.

O professor impacientava-se; e, como estava acostumado a ridicularizar os máos estudantes, disse-lhe:

— Sr. Mendonça, desenhe um feixe de capim.

— Pois não, — responde elle, sem se alterar.

E desenha dois feixes.

— Mas para que desenhou dois feixes de capim? Só mandei desenhar um.

— São dois, porque um é para mim e o outro para o senhor.

Conta-se delle que, sahindo sem licença, tomou um bonde onde se achavam o commandante e o fiscal da Escola, sentando-se num banco entre os que os dois occupavam.

Vendo-o o fiscal, que estava no banco de detraz, bateu-lhe levemente no hombro, perguntando:

— Com que licença sahiu?

— Com a do commandante.

Mais adeante, o commandante, voltando-se, o descobre e indaga:

— Quem lhe concedeu licença para sahir?

— O sr. fiscal.

Deu o seu passeio crente de que nada seria apurado sobre a sua falta; estava, porém, enganado.

De volta á Escola, foi surprehendido com um chamado ao gabinete do commandante, onde, bom soldado, se apresentou immediatamente.

Antes de entrar, percebeu que o commandante incriminava o fical por tel-o dispensado contra ordem expressa delle.

O fiscal defendia-se dizendo que não havia dispensado alumno algum.

Não se atemorizou e, resoluto, aproximou-se de ambos.

Em presença dos dois, commandante e fiscal, este inquire, colérico, em tom áspero:

— Então, sr. alumno, qual de nós lhe deu licença para sahir?

— Eu não me lembrava mais; parece-me que ambos.

E, fingindo-se desolado:

— Ando muito esquecido agora, sr. fiscal; estou perdendo phosphatos.

Da "perda de phosphatos" resultou-lhe uma prisão na fortaleza de Santa Cruz.

* * *

— Alvaro — diz um collega com quem costumava passear — você conhece o dr. Carlos Firme da Rocha, que mora naquelle sobrado azul da rua de São Clemente?

— Conheço; é um velho amigo de meu pae.

— Eu desejava conhecel-o; estou apaixonado por sua filha. Você póde apresentar-me a elle?

— Sim, apresento; hoje á noite iremos á sua casa.

Conforme ficou combinado, os dois rapazes, á noite, foram á casa do dr. Carlos Rocha. Este em pessôa veiu recebel-os.

— A que devo a honra de suas visitas? — pergunta ao doutor, em tom amistoso.

— Dr. Carlos — fala o Alvaro Mendonça adeantando-se — vim á sua casa para apresentar-lhe meu amigo e collega Augusto Vinhas Callado, aqui presente.

— Muito prazer em conhecel-o, — diz o doutor Carlos, estendendo a mão ao Augusto Callado.

Depois voltando-se para o alvaro Mendonça, pergunta:

— E ao senhor quem é que me apresenta?

— O meu amigo Vinhas, — responde, sem se desconcertar; pois elle já não foi apresentado ao doutor?!

O dr. Firme da Rocha bem longe estava de ser amigo do pae do Alvaro, que não conhecia: nunca o tinha visto "mais gordo" na sua vida.

Certa vez o Alvaro Mendonça se achava num grupo de alumnos no largo da Carioca, quando viu postado numa esquina, todo empertigado, um velho bem vestido, de flôr na botoeira, que dirigia graçolas ás moças que passavam.

— Sabem — diz aos collegas — eu vou dar um trote naquelle velho desabusado.

E actô continuo dirigiu-se a este, diz-lhe espremendo-o num apertado abraço, a dar-lhe sôcos nas costas com as duas mãos:

— Oh! sr. Romeu, que prazer tenho em vêl-o! Como vae d. Julieta? D. Rita? D. Candinha? Seu Nicoláo? D. Martha? A Michaela? O Zéca? Os garotinhos?...

— Mas... senhor — diz o velho suffocado ante a explosão de "carinho" de seu implacavel interlocutor — eu.... eu.... não tenho o prazer de o conhecer!

— Não? Nem eu!

LEOPOLDO D. AMARAL

Os ultimos guerreiros

A legião verde-chumbo das carnahubeiras
semelha um exercito selvagem
de indios de cocar verde
— os ultimos guerreiros! —
olhando o horizonte longinquo,
a espera dos inimigos, que virão!

E, ao crepusculo,
quando o vento sopra raivoso
e as suas palmas flabellam fortemente
eu tenho a impressão
de que o inimigo surge e a batalha começa!

Parece que ellas, as carnahubeiras,
— indios de cocar verde —
sacodem flechas ponteagudas e certeiras
no coração rutilante do sol.

Todo o horizonte cobre-se de purpura...
E as nuvens caridosas se approximam
e vão limpando o sangue do astro morto...

FILGUEIRAS LIMA.

Os bronchios tambem...
Os microbios infecciosos hão-de invadir as vossas vias respiratorias a despeito de todas as precauções exteriores que tomardes, se não tiverdes o cuidado de garantir o organismo contra a sua temivel ofensiva. A unica segurança possivel é a que vos proporcionar um protector interno, agindo directamente sobre os vossos bronchios,
e é o
GOUDRON-GUYOT
Obtido por destilação do pinheiro maritimo puro da Noruega, goza de propriedades balsamicas e anti-septicas incomparaveis. A sua acção em casos recentes ou antigos de constipações, bronchites, tisica, tuberculose, é d'uma constancia absoluta. Toma-se liquido ou em capsulas, e, fóra de casa, em pastilhas peitoraes.
Exigir o verdadeiro Alcatrão-Guyot (licôr, capsulas, pasta peitoral). Todos estes productos trazem a etiqueta em tres côres : rôxo, verde, encarnado e o endereço da Maison FRERE, 19, Rue Jacob, Paris (6e). Não fazer confusão com certos productos similares.
A venda em todas as boas Pharmacias